

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM DESENVOLVIMENTO RURAL -
PLAGEDER**

ENIO DEBESAITIS

***IDAS E VINDAS AO MEIO RURAL:
SUCESSÃO FAMILIAR***

**TRÊS PASSOS, RS
2013**

ENIO DEBESAITIS

**IDAS E VINDAS AO MEIO RURAL:
SUCESSÃO FAMILIAR**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marlise A. R. Dal Forno.

Coorientadora: Tutora M^a Marcia dos Santos Ramos Berreta.

**TRÊS PASSOS, RS
2013**

ENIO DEBESAITIS

**IDAS E VINDAS AO MEIO RURAL:
SUCESSÃO FAMILIAR**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Desenvolvimento Rural.

Aprovado com Conceito (_____)

Prof. (a). Dr. (a). *****

Orientador

UFRGS

Prof. (a). *****

UFRGS

Prof, (a). Dr. (a). *****

Instituição

Cidade (local), _____ de _____ de 2013.

LISTA DAS FIGURAS

Figura 01 – A agricultura colonial.

Figura 02 – Esvaziamento Rural.

Figura 03 – Croqui da Linha São Francisco.

Figura 04 – Google Earth da Linha São Francisco.

Figura 05 – Família com sucessores familiares.

Figura 06 – Filho Sucessor.

Figura 07 – Filhos e irmãos sucessores.

Figura 08 – Propriedade sem sucessão familiar.

Figura 09 – Igreja em ruínas, esvaziamento rural.

Figura 10 – Escola fechada, falta de filhos alunos.

Figura 11 – Agroindústria.

Figura 12 – Produção de máquinas para a produção.

Tabela 01 – Estratificação Fundiária do município.

Tabela 02 – Estratificação Populacional do município de Três Passos.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Síntese das características das propriedades.

Quadro 02 – Síntese descritiva das propriedades em Três Passos.

Quadro 03 – Síntese da entrevista com sucessão familiar.

Quadro 04 – Síntese das características de uma propriedade com sucessão familiar.

Quadro 05 – Principais características de uma propriedade sem sucessão familiar.

Quadro 06 – Síntese das Características de uma propriedade sem sucessão familiar.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar o fenômeno da sucessão familiar para entender o processo e as suas consequências. A metodologia proposta foi à entrevista, tendo entre os temas propostos às características das propriedades, os resultados obtidos por estas propriedades com e sem sucessão. As propriedades com sucessão tem o fator humano como preponderante, em parte jovens, onde nem sempre as propriedades são adequadas com áreas de terras disponíveis, mas com visão diferenciada, determinação, são alguns dos mecanismos para sucessão. A não sucessão é importante como um fenômeno presente na realidade rural e determinante, com a falta de pessoas, fora da propriedade, pelas precariedades das mesmas, famílias descapitalizadas, a procura de emprego ou por estudos. A mudança das relações entre pais e filhos outro fator importante na saída do jovem do meio rural, onde os pais antes tinham a sua palavra ouvida e aceita, hoje não mais ou raramente. O processo que acontece no seio das famílias, nas mais diversas circunstâncias preocupa entidades, tendo a sucessão como temática de palestras em Feiras Exposição, mobilização de Sindicatos para entender os desafios, as estratégias que devem ser discutidas, políticas públicas para adotar medidas na Agricultura Familiar.

Palavras-chaves: Agricultura Colonial, Familiar, Sucessão Familiar e Estratégias.

ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the phenomenon of family succession to understand the process and its consequences. The proposed methodology was to interview with between the themes proposed to the characteristics of the properties, the results obtained by these properties with and without succession. Properties with succession has the human factor as predominant, in the young, where not always the properties are suitable with areas of land available, but with a different vision, determination, are some of the mechanisms for succession. The succession is not important as a phenomenon present in rural reality and decisive, with the lack of people, out of the property, by realistic Diagnostics, descapitalizadas families, the search for employment or studies. The change of relations between parents and children, another important factor in the output of the young of the countryside, where parents before had their word heard and accepted, today no longer or rarely. The process that happens within families, in various circumstances concerned entities, having the succession as thematic lectures in fairs Exhibition, trade unions to understand the challenges, the strategies that should be discussed, public policy to adopt measures in family agriculture.

Keywords: Colonial Agriculture, family, Family and Succession strategies.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	10
3 POUSO DOS TRES PASSOS: um resgate da ruralidade do município	12
4 AGRICULTURA	17
4.1 AGRICULTURA COLONIAL	17
4.2 AGRICULTURA FAMILIAR	20
5 SUCESSÃO FAMILIAR: FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL.	23
5.1 A SUCESSÃO	23
5.2 AGRICULTURA FAMILIAR COM SUCESSÃO	25
5.3 CARACTERIZAÇÃO dos SUCESSORES	26
5.4 AGRICULTORES SEM SUCESSORES	27
6 AGRICULTORES COM SUCESSÃO	29
6.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES	29
6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PAIS E FILHOS	33
6.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUCESSORES FAMILIARES	35
6.5 DINÂMICA DA SUCESSÃO FAMILIAR E A NOVA GERAÇÃO DE AGRICULTORES	39
7 AGRICULTORES FAMILIARES SEM SUCESSÃO FAMILIAR	43
7.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES	44
7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PAIS E FILHOS	45
7.3 CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO SUCESSORES FAMILIARES	46
7.4 DESTINO DAS PROPRIEDADES	47
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	58
APÊNDICE	59

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das *idas e vindas* entre o *campo* e a *cidade*. Propõe-se analisar o processo da sucessão familiar entre agricultores no município de Três Passos em destaque a Linha São Francisco.

Três Passos localiza-se na região Noroeste do Estado, há cerca de 500 km de Porto Alegre (capital). Inicialmente com uma área de 438,07km², perdeu praticamente 40% do seu território original em três processos emancipatórios¹, ocorridos em 1992, restando atualmente 268,3km² (FEE, 2010). Com a diminuição do território ocasionou, conseqüentemente, a redução de sua população, que em 1970, conforme o censo demográfico do IBGE era de 33.310 mil habitantes na área rural.

Comunidades localizadas no município, constituídas por imigrantes de etnia italiana e alemã se estabeleceram na região a partir da década de 1940². Atualmente as atividades agrícolas no município: grãos (soja, trigo e milho), bovinocultura leiteira, suinocultura, avicultura na agricultura familiar.

Entre as localidades no município escolhi a Linha São Francisco para este estudo porque reflete o esvaziamento que vem ocorrendo no campo (*idas*), ao mesmo tempo em que acontece o retorno (*vindas*), ainda que incipiente, de alguns familiares no processo que conhecemos como o *novo rural*.

O silêncio, as ruínas nas propriedades, o fechamentos de escolas por falta de alunos, o abandono dos campos de futebol onde o social se perpetuava de geração em geração das famílias.

O objetivo principal desta pesquisa é **analisar** a sucessão familiar na Linha São Francisco a fim de entender tal processo nas demais propriedades. Para tal, inicialmente, foi identificado na localidade às propriedades que apresentam o processo de sucessão num

¹Em 1992 ocorreu a emancipação dos municípios de Bom Progresso, Tiradentes do Sul e Esperança do Sul.

² Dado obtido através das entrevistas realizadas nesta comunidade em janeiro de 2013.

universo de 50 propriedades, 14 com sucessores familiares, 34 sem sucessores familiares e 3 há um impasse entre a sucessão ou não. Estes dados foram constatados, através de visita as propriedades.

Em seguida, foi possível apontar as causas que contribuem para tais processos, relacionando as motivações da manutenção do agricultor na área rural ou o seu retorno.

Conforme Spanevello (2008, p. 22) a agricultura e pecuária são ocupações que buscam assegurar a continuidade do patrimônio da família, representado pela terra, pela transmissão aos seus descendentes. Isto ocorre dependendo das condições econômicas e sociais oferecidas pelos agricultores a seus filhos. “Dependendo dessas condições a lógica pode ser mantida ou rompida.”

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de entender as duas dimensões possíveis ocorridas pelos processos de sucessão familiar (*ter ou não a sucessores*) nos dias atuais. Por intermédio deste estudo nesta localidade, pode-se contribuir com as pesquisas já existentes no âmbito do desenvolvimento rural.

Considero esta temática muito importante, a partir de uma palestra proferida na Semana Acadêmica do Polo da UAB de Três Passos de 2011, onde entidades como a EMATER, Sindicatos Rurais, palestra em Feiras de Exposição, cuja temática sugere uma reação diante do esvaziamento rural e da não sucessão familiar.

Esta problemática tem como ação a lógica da reestruturação do tecido social³ perdido, se faz uma tentativa acadêmica de recuperá-lo como parte do processo.

Por conhecer a referida Linha há mais de 40 anos, onde eu residi, trabalhei numa propriedade de agricultura familiar, onde havia um contexto social e econômico diferente com as propriedades e seus moradores, diferente do atual.

Eu saí da propriedade e fui para a cidade porque os seus pais de induziram que a vida no meio rural era difícil e me questionam sobre a possibilidade de encontrar um emprego para “não sofrer o que se sofre na roça”. A mesma historia que ainda me inquieta, me fará um dia retornar para lá. O meu ir e voltar.

³ Tecido Social segundo Milton Santos (1996) “indivíduos, coletividades, a coletividades que papéis estão ligados por uma ou mais relações sociais profundas, compreensíveis pela análise do poder, formando uma rede social”. Ex: comunicação, educação dos filhos, amizade, autoridade.

A temática *sucessão familiar* é algo presente no dia a dia na realidade rural. Conforme Brumer e Spanevello (2008) 27% das moças e 19% dos rapazes acreditam que ninguém da família pretende permanecer na propriedade rural como agricultor.

A preocupação com a falta de sucessores para continuar a atividade familiar na propriedade rural também ocorre nos países europeus.

No estudo A Dinâmica sucessória na agricultura familiar de Rosani Spanevello (2008) entre agricultores da Quarta Colônia de Imigração Italiana⁴, nos municípios de Dona Francisca e Pinhal Grande, os motivos que podem levar ao jovem ficar ou sair do meio rural são: as mudanças nas relações pais e filhos; o afrouxamento do papel dos pais na decisão sobre o destino dos filhos; a maior circulação dos jovens no espaço urbano; condições produtivas desfavoráveis dos estabelecimentos; a busca de autonomia financeira e prosseguimento dos estudos, bem como sua preferência pelo lazer urbano.

Em função da falta de sucessão a autora aponta como consequências a redução das características agrícolas dos municípios, o envelhecimento do campo pelo aumento do número de pessoas idosas, a diminuição de jovens e, entre esses, de moças que permite a masculinização do meio rural.

Abramovay *et al.* (1998) elenca a importância de se ter um dos filhos (as) na sucessão, não importando a ordem de nascença. Para Lopes (2006) no caso dos celibatários, a sucessão pode passar para os sobrinhos. Em caso de só ter filhas na família, a sucessão poderá ser feita pela mais nova, como poderá não ter sucessão, conforme esta pesquisa irá tratar.

Diante da realidade sucessória, o presente trabalho buscou nas propriedades respostas para a questão, com algumas respostas convincentes de solução com retorno para a propriedade de um familiar, outras realidades são conflitantes, e sem solução de continuidade.

⁴A Quarta Colônia localiza-se próxima ao município de Santa Maria, RS. Engloba os atuais municípios de Silveira Martins, Ivorá, Faxinal do Soturno, Dona Francisca, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine além de partes dos municípios de Agudo, Itaara, Restinga Seca.

2 METODOLOGIA

As propriedades pesquisadas foram divididas em duas situações: as propriedades COM sucessão familiar e as propriedades SEM sucessão familiar.

Foram escolhidas duas propriedades rurais na Linha São Francisco, Três Passos, onde o fenômeno sucessão é presente, outra sem a sucessão familiar, no entanto outras propriedades que apresentam os mesmos fenômenos também serviram de respaldo para a comprovação dos fenômenos e análise dos mesmos.

O fenômeno da sucessão é mais contrastante em relação ao passado não muito distante onde a grande maioria das propriedades apresentava a possibilidade de sucessão bem como da permanência da população no meio rural.

Esta microrregião escolhida para a referida pesquisa está em consonância com o fenômeno da sucessão, onde os dados obtidos na maioria das propriedades apresenta uma produção pelo núcleo familiar com mão-de-obra própria, mas em queda vertical de uma diversidade cada vez menor em decorrência da falta de pessoas para o trabalho.

Em relação à geografia da região, as propriedades estão distribuídas em formato retangular, acessadas por estrada vicinal, tendo aos fundos o rio São Francisco. É latente a ausência de moças nas propriedades e maior presença de jovens rapazes, não se tendo dados oficiais em relação à localidade.

A escolha de duas propriedades onde o processo de sucessão e de não sucessão aconteceu, foi para delimitar o universo da pesquisa e com ela aprofundar mais a problemática.

Outras propriedades da localidade apresentam os processos ora em pesquisa, mas como eu realizei o Estágio Supervisionado I numa, onde a sucessão é palpável e em outra onde a não sucessão está em curso.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa com o depoimento de famílias, pessoas residentes nesta Linha através de entrevistas informais, cujas perguntas foram divididas em quatro partes: a propriedade, as pessoas que formam esta propriedade, as atividades, a sucessão e o perfil de um “novo” agricultor.

O que se buscou com este tipo de pesquisa foi à dinâmica de como algumas propriedades se desafiam e superam os conflitos da sucessão e como outras propriedades não atingem a sucessão e ficam nas mãos de terceiros.

Como princípio básico, uma ideia ou uma série de ações que possam dar uma resposta à questão das propriedades cuja sucessão pode ser possível. Como o pai ainda é o

dono da propriedade, detém os negócios, decide sobre os mesmos e por isso a sucessão não é discutida.

Por isso as perguntas não foram direcionadas, coagidas, a fim de interferir nas respostas, pelas questões e com isso dar maior liberdade aos entrevistados em relação a pontos conflitantes.

O conhecimento das propriedades pelo pesquisador presente na propriedade, os seus atores, os seus saberes e os seus argumentos em relação à questão proposta da sucessão, que acontece ora com naturalidade ou com conflitos.

Para Goldenberg (1999) “a pesquisa qualitativa não busca ater-se a representações numéricas”, o que a torna “mais próxima do fenômeno em estudo, que permite mais fontes de dados” (FONSECA, 2002), dando maior profundidade em sua complexidade social.

Com o estudo bibliográfico, as entrevistas, a pesquisa procurou dar também um enquadramento subjetivo, além do real propiciando uma maior liberdade em relação à temática.

A pesquisa teve sua fundamentação no Referencial Teórico disponibilizado em Monografias, Dissertações, Teses Acadêmicas, Google Acadêmico (documentos online), livros e informações públicas. Para Andrade (1999) a pesquisa bibliográfica “objetiva conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o suporte ao mesmo”.

A pesquisa de campo objetivou a busca da caracterização da investigação e a obtenção de informações, opiniões, de determinada propriedade e grupo social. Com a proximidade com o fenômeno levantado, as informações, os dados, dão a dimensão da complexidade do fenômeno que pode ser generalizado em suas informações, mas que tem também fatos peculiares, pontuais, presentes e determinantes no estudo.

O cronograma foi cumprido nos meses de janeiro e março de 2013, onde as entrevistas foram gravadas com prévio conhecimento e consentimento dos proprietários dos estabelecimentos pesquisados.

Procurei complementar a pesquisa com entrevistas informais, conversas entre pessoas que vivem o fenômeno sucessório ou não, dentro e fora desta mesma microrregião, proposta para a pesquisa.

3 POUSO DOS TRÊS PASSOS: UM RESGATE DA RURALIDADE DO MUNICÍPIO

A vinda dos imigrantes europeus para o Brasil, mais precisamente ao Rio Grande do Sul, pode ser entendida sob duas óticas: convergente e divergente. Convergente, pela teoria de Waibel (1949: 1955), Roche (1969) e Schneider (1999), porque que a vinda dos alemães ao Rio Grande do Sul foi motivada pelas péssimas condições de vida, pela falta de perspectivas de futuro e de terras nos países europeus, o que se prometia no Brasil, através de boas terras, sementes, gado e dinheiro.

O sentido divergente, segundo Jungblut (2000), consiste no desejo irresistível de querer imigrar como fuga e procura por melhores condições de vida.

A colonização no Brasil começou com a publicação da Lei das Terras de 1850, que instituiu a propriedade como uma mercadoria que possuía custo e não algo livre, bastando o desejo de posse. Esta lei se tornou um limitador, pois passou a ser um importante fator de negociação, num aspecto em que antes ninguém tinha interesse (Piazza, 1983: 331).

De acordo com Giron e Bergamaschi (1996), as terras eram de concessão do Estado até 1850, pois o Estado organizava, dirigia e coordenava a colonização. Após 1850, a terra tornou-se um produto que podia ser comprado ou vendido, já que o Estado, até 1859, continuava a colonização, que passou a ser um mecanismo individual e particular.

Conforme Jungblut (2000), o processo de colonização no Brasil obedecia a critérios como tipos de colônias: as governamentais, fundadas pelo Governo Federal (São Leopoldo); as provinciais (Santa Cruz, Montenegro); e as municipais (São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo).

Entre seus objetivos, a colonização do sul preconizava a ocupação da terra, a produção que a mesma daria ao colonizador, bem como a proteção das suas divisas com a criação da Colônia Militar do Alto Uruguai pelo Decreto Imperial 7.221 de 15 de março de 1879, segundo Hugo Veit, historiador na obra Memórias de Três Passos e Municípios Descendentes.

A colonização do sul tinha três critérios: até 1850, com os alemães em São Leopoldo; até 1890 na região das “colônias velhas”; e a partir de 1889, pelo fluxo de migrações internas, denominadas “colônias novas”.

A colonização da região de Três Passos, com a criação da Colônia Militar do Alto Uruguai, começou a apresentar as suas dificuldades devido ao isolamento, a distância dos grandes centros, uma vez que a Colônia era a única referência de ocupação humana nas matas subtropicais do sertão da Bacia do Uruguai.

Com o estabelecimento da Colônia Militar, o meio de ligação entre outros centros era o rio Uruguai e a estreita picada aberta do então município de Palmeira das Missões até a Colônia. Era uma via de abastecimento e manutenção com recursos do Império; os soldados da guarnição eram de Viamão, Rio Grande e Pelotas. E, além disso, acredita-se que a mesma colônia serviu como castigo para soldados punidos em várias partes do Brasil (GRAFFITTI, 2004).

Três Passos tem um clima subtropical, com precipitações pluviométricas entre 1600mm a 1800mm/ano e temperaturas de conformidade com as estações; invernos rigorosos com geadas e temperaturas mínimas de 0° e as máximas; verões em torno de 35°. O relevo da região pertence à parte da Serra Geral, conforme White (1908), cuja formação surge no Uruguai e vai até São Paulo.

As formas homogêneas do relevo são de colinas suaves (coxilhas), tendo como exceção a topografia na proximidade dos rios onde as áreas são declivosas, com formação pedregosa. Tornando-se impróprias para a agricultura. Os principais rios da região são o rio Uruguai, com divisa com a Argentina, e o rio Turvo afluente, do Uruguai. Outros rios de destaque são o Lajeado Grande, na divisa com Crissiumal. O Erval Novo, com 14 km de extensão, 10m de largura, que fornece água consumida pela população urbana, através da Companhia Rio-grandense de Saneamento (CORSAN).

Os solos, na sua grande maioria, são do tipo chernossolos, com pouca profundidade e boa fertilidade, mas que incidem erosão e exigem cuidados ambientais. Do distrito de Bela Vista a Padre Gonzales, o latossolo apresenta manchas avermelhadas, amarelas e escuras, o que exige correção de solos, mas são excelentes para a agricultura.

Os chernossolos estão mais presentes nas encostas do vale do Rio Uruguai e da Serra do Mar, cuja cor é escura (fértil), que produzem um relevo mais ondulado, o que dificulta a mecanização das lavouras e são usados para práticas conservacionistas.

A vegetação é remanescente da Mata Atlântica em áreas de maior declividade. Segundo Reitzel al. (1988), na Bacia do Uruguai se encontram árvores altas como a grápia, em extinção, canjerana, canafístula, timbaúva e loro.

A vegetação secundária, com a extração de madeiras nobres, encontra-se danificada e rala, constituindo apenas alguns capões. A presença humana deixou seu rastro de destruição, mas há uma recomposição da mata nativa em regiões declivosas. O processo de extinção de espécies, pelos mais diversos fatores (caça, desmatamento, aumento da Fronteira Agrícola), vem crescendo devido ao aumento populacional, pela pobreza e pela caça.

A região, hoje denominada Celeiro, que comporta 21 municípios, teve em sua fase de implantação como agricultura a vinda dos imigrantes, que aqui reproduziram uma agricultura cujo ciclo colonial, deu passagem ao Familiar e em alguns casos temos a Agricultura Patronal.

Um dos fenômenos atuais nos municípios da região é o denominado “Novo Rural”, que segundo José da Silva (1997), tenta delimitar o que é rural e o que é urbano. Segundo o autor, o rural é o “continuum” do urbano do ponto de vista espacial e do ponto de vista de organização da atividade econômica, onde as cidades não podem mais ser identificadas apenas com atividade urbanas e nem os campos (rural) com agricultura e pecuária.

Para Sérgio Schneider, “há uma pluriatividade em andamento onde o rural, também desenvolve atividades de cunho urbano, como comercialização de produtos ou artesanais, ou agroindustrializados”.

Alentejano (2000), num documento de sua autoria sobre *Agricultura Familiar Reforma Agrária e desenvolvimento local para um novo mundo rural*, dá um destaque muito forte sobre a multifuncionalidade da agricultura como segurança alimentar, geração de empregos ainda que não necessariamente agrícolas (o que se vincula a noção de pluriatividade), preservação do meio ambiente, conservação das tradições culturais, contenção do êxodo rural e do esvaziamento das regiões periféricas.

O Novo Rural no município de Três Passos, apresenta ainda uma Agricultura Familiar muito restrita com poucas alternativas, como o turismo religioso sobre a Beatificação de Manuel G. Gonzales e Adílio Daronch. A agroindustrialização não recebe apoio público e

como tal as poucas agroindústrias tentam resistir, muitas já fecharam restando talvez umas cinco das trinta que nos anos 1996-2004 foram criadas.

Com estas ressalvas continuamos a reproduzir o de costume acreditando numa retomada do empreendedorismo como apoio do Poder Público, do contrário estaremos fadados a continuar indefinidamente o que até aqui fizemos, produzir a matéria-prima.

No Plano Agropecuário, recomeçamos a liderar a produção de suínos. Recomeçamos, porque nos anos 70 Três Passos era a Capital Nacional da Suinocultura. Três Passos é considerado o segundo produtor de suínos do RS, conforme a ACSURS (Associação dos Produtores de Suínos do Rio Grande do Sul). Segundo a Fundação de Economia e Estatística, são 77 mil cabeças no ano de 2010 (FEE).

Outra atividade de destaque é a produção de leite. O município conta com 1263 unidades, através das quais 1029 produtores vendem o produto a granel, num total de 7.058 mil cabeças ordenhadas (IBGE, Censo Agropecuário, 2006). No entanto, esta atividade vive um impasse por parte do pequeno produtor descapitalizado e cerceado por Normativas. Estes entraves estão tirando o pequeno agricultor da atividade, permanecendo apenas o médio e grande produtor, que têm uma produtividade entre 500 e 1.200 litros/dia.

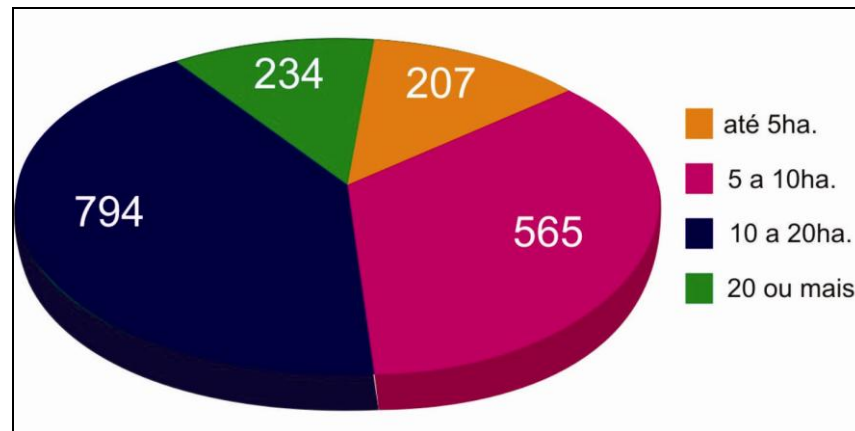
A produção de grãos também é destaque no município. Mais de dois mil hectares estão destinados à produção de milho, com uma média de 4.800 kg/ha. Na soja, são 7.500 hectares com uma produtividade média de 2.520 kg./há, e trigo com uma área de 3.500 hectares e uma produtividade média de 2.700 quilos por hectare.

Em 2010, conforme a Fundação de Economia e Estatística, além de diminuição territorial, houve uma diminuição da população, com 80% em área urbana, 19.054 habitantes, e apenas 4.911 habitantes no meio rural (Tabela 2). Por isso, temos apenas 1674 domicílios rurais e 6.890 urbanos. Numa perspectiva de gênero, a Agricultura Familiar de Três Passos apresenta 2.564 homens e 2.347 mulheres (FEE, 2010).

Marlon Schönhalz, então Secretário da Agricultura, realizou uma pesquisa de estudo (2008), sobre as propriedades do município de Três Passos e constatou 207 propriedades de 0 a 5 hectares; 565 propriedades de 5 a 10 hectares; 794 propriedades de 10 a 20 hectares; e 234 estabelecimentos acima de 20 hectares.

Tabela 1

Estratificação Fundiária de Três Passos.



Uma atividade recente na região em Três Passos é a avicultura. Ela ainda está no seu início, motivada pela instalação Mais Frango em Miraguai/RS e a expansão da exportação de frangos abatidos para o Oriente Médio. Para 2013, segundo negociações com a Secretaria da Agricultura do município, estão previstos a instalação de 20 aviários com uma capacidade instalada variável, ao custo de R\$ 170 mil para cada unidade de 20 mil frangos, com 42 dias de confinamento e abate. Uma atividade decorrente de pouca mão-de-obra, devido à automatização das instalações, requerendo apenas precaução com as doenças e temperaturas.

Em âmbito de saúde pública, há um serviço intenso na prestação de serviços nos distritos com Postos de Saúde. São sete equipes completas em cada ESF com prioridade para a saúde preventiva. No dia 5 de abril 2013, aconteceu um evento na comunidade de Padre Gonzales, junto ao Clube Ipiranga, com a presença da mídia televisiva Canal da Saúde do Rio de Janeiro, para colher depoimentos locais, do trabalho prestado pelo SUS, um dos destaques na saúde Pública de Três Passos.

No setor educação, dados de 2012, fornecidos pela Secretaria de Educação Municipal, dão conta de que na Educação Infantil (EMEIs) há 527 alunos matriculados, enquanto que no Ensino Fundamental este número chega a 1504 alunos e 235 professores. O índice de analfabetismo, 10 anos ou mais, é de 4,99%, e de 15 anos ou mais chega 5,31% (IBGE, 2010).

4 AGRICULTURAS

Agricultura do Neolítico a era Contemporânea desenvolveu as suas mais variadas fases numa evolução constante, sendo o resultado de uma “destruição” e de uma construção de soberania das pessoas através da produção de alimentos.

4.1 AGRICULTURA COLONIAL

Na região da pesquisa, Linha São Francisco, segundo moradores entrevistados, a colonização teve seu início na década de 40, quando começaram a vir às primeiras levas de colonizadores, alemães, italianos.

A concessão das terras (lotes) de 72 hectares (GRAFFITTI, 2004, p.44) em média pelo governo Imperial era titulada num primeiro momento, mais tarde concedidas oficialmente aos seus proprietários, visando à ocupação e a colonização da região com a fixação do imigrante na terra.

A madeira era a matéria-prima fundamental na primeira atividade econômica dos colonos recém-vindos. Neste primeiro modo de se produzir, denominado agricultura colonial (PLEIN, 2003), a madeira que era usada nas construções, também gerava “algum dinheiro na sua venda”. Além disso, outras atividades importantes geravam renda como a criação de porcos, na produção de carne e banha para a comercialização e a venda de fumo.

Schneider (1999a) compreende a agricultura colonial como unidade de produção familiar (colono x família); acesso a terra herança ou compra; policultura de subsistência ou autoconsumo; trabalho familiar; as relações com o mercado esporádicas ou precárias; forte atuação de intermediários; sociabilidade via solidariedade. Em situações pontuais, os colonizadores foram agregados e mais tarde compravam as terras.

“Este modo de vida dos colonos manteve-se socialmente ancorado no processo de expansão da fronteira agrícola” (SCHNEIDER, 1999).

Modo colonial de vida, abrir picadas e linhas na mata ao longo da qual se dispunham os lotes de cada colono. A picada se tornou o padrão tradicional de organização espacial e social dos colonos (VIANNA, 1987 apud WOORTMANN, 1995: 21).

Essas linhas coloniais seguem os fundos de vales fluviais e de cada lado estão alinhados os lotes dos colonos, estreitos e longos, retangulares, com divisor de estradas, rios.

Schneider (1999 a) destaca entre esta forma de ocupação geográfica e a sociabilidade do modo de vida colonial. (Ver PLEIN 38) “povoamento rural disperso”, ocupação geofísica baseada na abertura de caminhos por dentro das matas denominadas picadas ou linhas. As terras ao longo destes caminhos foram demarcadas, os colonos estabeleceram as suas propriedades e constituíram as suas

moradias. Essa forma de ocupação geográfica, associada à etnia, ao domínio da língua germânica e as dificuldades de comunicação (falta de estradas etc.) foi fator decisivo à formação e a manutenção de uma sociedade com alto grau de endogamia e relativamente fechada em si mesma até meados da década de 1950. O caráter quase/autárquico desse modo de vida era reforçado pelas intensas relações de parentesco e de religiosidade (Schneider, 1999 a, 23).

Esta forma de distribuição dos lotes dificultava as relações sociais entre as famílias pela distância. Cada família procurava se dedicar a sua atividade além da constituição da família e das dificuldades em relação a doenças e poucos recursos. Mas assim mesmo se reproduzia uma forma social através da reprodução de costumes dos seus ancestrais.

O processo de formação da agricultura colonial – não só ver o processo de ocupação fundiária, as relações familiares, mas o sistema produtivo, cultivo da terra e sobrevivência da família.

Muitos colonos se reuniam para derrubar a floresta e fazer a primeira plantação, “a adversidade do meio físico em que se alojaram os pioneiros foi um dos fatores motivadores da solidariedade” (SCHNEIDER, 1999 a, 25).

Esta organização social local com fortes laços de solidariedade foi indispensável à sobrevivência das famílias de colonos em uma região isolada com densas florestas, muitas vezes habitadas por índios. Para Waibel (1949; 1955) a forma de ocupação das terras pelos colonos, obedecia a três fases: o desmatamento, arroteamento e a rotação de terras.

Cultivava-se milho, feijão preto, mandioca usando cavadeira, enxada mais tarde o arado com tração animal usado para facilitar o plantio das sementes com máquina manual de plantar.

O sistema de rotação das terras começou depois que a maioria das matas tinha sido derrubada, melhoria das estradas e o uso de carroças com tração animal.

Com mais trabalho surge o uso de animais domésticos nos trabalhos como o gado, cavalos para puxar arado, grades. O uso do esterco dos animais para pastagem surge com os alemães (WAIBEL, 1949). Com o melhoramento econômico, os filhos cujos pais estudaram em média dois anos, passaram a estudar quatro anos, denominado na linguagem popular “quarto livro”.

Com o esgotamento das terras, a produtividade caiu de 50% a 65%, com o uso se aumentou a área de terras, diminuiu o tempo de repouso, solo desgastado, erosão e ervas

Conforme Silvestro (1995) a relação colono/ terra objetivava a sua manutenção na unidade familiar, procurando reproduzir novas unidades. O que se queria “era fazer o futuro e colocar os filhos”.

4.1.1 – Crise e Desarticulação do sistema de produção colonial.

Para Roche (1969) “o esgotamento das terras, o crescimento da população, entre outros fatores, motivaram a migração interna, associada à natalidade e técnicas incompatíveis com a estrutura fundiária, se tornou fatal para o surgimento do êxodo para a propriedade com o excedente”.

O esgotamento dos solos e a divisão dos lotes entre herdeiros geraram migrações das propriedades rurais para as cidades ou novas zonas pioneiras, com novas terras se reproduz o mesmo ciclo econômico. A falta de amor à terra dos antepassados pelos alemães gerou o transbordamento do RS p/ SC, PR e assim por diante.

Para Schneider (1999) “o sistema agrícola tem sido o principal responsável pelo esgotamento rápido das terras, os mecanismos de herança, forma de reprodução das propriedades que aceleraram a pulverização fundiária e obrigaram os filhos dos colonos a migrar”.

A crise da agricultura colonial refere-se mais aos sistemas produtivos ou na forma de produção que a forma de sociabilidade – constitui-se num ponto de passagem, num momento de metamorfose da agricultura colonial para a Familiar.

Abramovay (1992) “as sociedades camponesas são incompatíveis com o ambiente econômico, onde preço arbitra sobre a produção, quebra os laços sociais de personalização, reciprocidade, levando consigo o próprio caráter camponês de organização social” (117).

Figura 1



Na figura acima, a comercialização do fumo numa casa comercial na época da agricultura colonial, onde a carroça com tração animal, era o principal meio de transporte.

Fonte: PETRY, 1960

A crise do sistema colonial prova esta decadência no esvaziamento rural e abandono (Fig. 2), rotação de terras, o tamanho reduzindo as propriedades, a herança com partilha da terra e a crescente integração destes com o mercado, são os responsáveis pela “metamorfose”, que transformou os colonos em agricultores familiares.

Figura 2

Esvaziamento rural



Transporte de uma casa do meio rural para o urbano. Fonte: DEBESAITIS, 2013

4.2 AGRICULTURA FAMILIAR

A modernização agrícola, analisada por Graziano da Silva (1996) e Kageyama et al. (1990), sofre uma alteração na sua base técnica da produção, com o objetivo de aumentar a produtividade. A partir de 1960 a agricultura familiar altera a sua maneira de produzir passando a intensificar o uso do solo, na diversificação de produtos, na modernização e cooperação (integração) dos mesmos, que na sucessão familiar foram determinantes em casos pontuais, para a continuidade da atividade.

A agricultura familiar é uma forma social reconhecida e legitimada na maioria dos países desenvolvidos (VEIGA, 1991; ABRAMOVAY, 1992; LAMANICHE, 1993,94). As características da Agricultura Familiar para Gasson e Errington (19993; 20) são: agricultores proprietários, o trabalho e patrimônio familiar, o sustento e a vida na unidade produtiva familiar.

Agricultura Familiar é uma decorrência normal ou conflitante no modo de vida, de seus personagens, os agricultores passam por uma transformação, social, econômica,

cultural, uma metamorfose (PLEIN, 2003), ou seja, alteram as suas práticas, as suas formas, os seus costumes.

Não há um consenso na definição de agricultura familiar, se houvesse estaria consumado a sua temática, o que não ocorre, porque existe uma dinâmica social dos personagens, das suas evoluções gradativas, ora culturais, sociais, temporais.

A partir dos anos 80 a discussão se centraliza entre integrados, excluídos ou produtores de subsistência (PORTO, SIQUEIRA, 1994). Ainda hoje os excluídos são os sem terra, agregados, meeiros. Ainda em 1980 um estudo da FAO/INCRA (1996b), classifica os familiares como em transição, periféricos.

Com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), como Política Pública em 1995 deu maior visibilidade a Agricultura Familiar que desde 1990 procurava se firmar como instrumento que o agricultor com o Sindicato (STR) tinha um mecanismo de pressão aos governos nos seus pleitos. Agora se tem o agricultor familiar reconhecido como uma “nova categoria social”.

Abramovay define Agricultura Familiar “onde há gestão na propriedade, a maior parte do trabalho é proveniente de indivíduos que mantem entre si laços de sangue, onde há casamento”.

No Projeto INCRA/FAO (2000) modelo familiar, o trabalho e a gestão estão intimamente relacionados, a direção do processo produtivo é assegurada diretamente pelos proprietários, ênfase na diversificação, durabilidade dos recursos e na qualidade de vida, trabalho assalariado complementar (pluriatividade), decisão imediata, adequado ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.

Na agricultura colonial cabe recordar que a chegada das famílias com os animais, sementes e instrumentos, se instalavam nos lotes, derrubaram as matas e esta derrubada, pela lógica do momento exigia algumas práticas com instrumentos manuais como a foice, serrote, machado, uma prática comum aos colonos.

A primeira ação era a roçada da criciúma e taquara, que na queimada era o combustível para as chamas, depois a derrubada das árvores de menor porte com machado, a seguir com serrote a dois, o corte padrão para a industrialização da madeira na serraria resultando em tábuas, ripas, madeira quadrada, depois a coivara para queimar e desobstruir a terra dos “entulhos” galhos e finalmente a mata dava lugar para o plantio. O resultado da madeira industrializada servia para construção das casas, galpões, estrebarias para os animais.

As famílias eram pequenas e os casais recém-casados, à medida que as famílias aumentavam os lotes antes grandes, agora ficam pequenos pela divisão. A extração da madeira representa mais construções e algum dinheiro com a venda da madeira. As

serrarias, as primeiras usavam a energia a vapor pela queima dos restos de madeira (caldeira), depois energia. O pagamento da serragem da madeira era por porcentagem em madeira.

Derrubada a mata, se instalava o sistema produtivo que Waibel (1949) denominou “primitivo sistema de rotação de terra”.

Jungblut (2000:470) escreveu “as novas propriedades tinham matas e terras férteis”. Com o aumento das famílias, da disponibilidade mão-de-obra, se usou mais a terra e com isso a sua rápida degradação, erosão.

5 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL DE SUCESSÃO FAMILIAR

5.1 A Sucessão

A sucessão é a transferência do controle ou do gerenciamento sobre o uso do patrimônio familiar aos filhos sucessores ou à próxima geração (GASSON; ERRIGTON, 1993; RAMOS 2004). Herança é a transferência legal do patrimônio inclusive a terra (GASSON; ERRIGTON, 1993; RAMOS 2004). E aposentadoria dos pais é a retirada do atual proprietário do trabalho e do comando do estabelecimento (GASSON; ERRIGTON, 1993).

Quatro formas de sucessão segundo Gasson e Errigton (1993):

- 1- O filho sucessor reside num estabelecimento separado do pai e estabelece uma forma própria de gestão e exerce o processo de tomada de decisão de forma independente. Também é independente financeiramente, mas assume o estabelecimento paterno em caso de aposentadoria dos pais.
- 2- O filho possui um estabelecimento separado e tem boa autonomia na atividade que realiza: criação de suínos como exemplo. O filho aprende a desenvolver a habilidade que aprendeu do pai e possui relativa autonomia financeira.
- 3- O filho reside com os pais e eles trabalham em forma de parceria. O filho aumenta a sua responsabilidade com a realização de algumas atividades, com tomada de decisão de determinadas tarefas em comum acordo com o pai.
- 4- O filho mora com o pai tem pouca responsabilidade sobre a decisão na propriedade, apesar de conviver e trabalhar com o seu pai. É considerada uma força importante de trabalho e assume como sucessor no caso de morte do pai.

Para Hasting (1984) ele caracteriza o processo sucessório em quatro estágios: socialização das crianças no trabalho; aprendizado das técnicas de produção pelos filhos; trabalho em parceria e dividindo as responsabilidades com os pais e a tomada de controle do estabelecimento.

A sucessão é baseada no ciclo da vida familiar em quatro estágios: Inicial – as crianças dedicam o seu tempo aos estudos e iniciam os trabalhos na propriedade sob a supervisão dos pais; intensifica-se a participação das crianças no trabalho; são delegadas responsabilidades em termos técnicos, métodos produtivos, o pai se retira da administração da propriedade, transfere o patrimônio para a geração seguinte. (BURTON e WALFORD, 2005).

Na Agricultura Familiar, os filhos aprendem a desenvolver a atividade agrícola no interior do próprio estabelecimento, através da transmissão dos saberes por lenta “impregnação” (CHAMPAGNE, 1986).

Para Woortmann e Woortmann (1997, p.73), trata de ensinar que se faz “pelo próprio fazer”.

Segundo Gasson e Errigton “a transmissão distinta entre os sexos, baseado na divisão entre trabalho dos homens e trabalho das mulheres” (CARDON, 2004; GASSON e ERRIGTON, 1993).

A escolha ou identificação de um sucessor é fundamental para a efetivação da sucessão (GASSON e ERRIGTON, 1993). Segundo Carneiro (1998) a escolha pode não depender apenas da família ou dos fatores culturais ou costumeiros, mas do contexto sócio econômico ou das leis vigentes sobre os direitos individuais existentes em cada comunidade rural, região ou país.

Pode ser escolhido para sucessor, aquele que tiver maior aptidão para agricultura ou menor vocação para os estudos, persistência no trabalho ou habilidade em comandar o estabelecimento (CARNEIRO, 1999; JUCHEM et al., 2005).

O padrão sucessório privilegia a seletividade ou escolha de um único sucessor pelos pais e a exclusão dos demais como forma de garantir a continuidade dos estabelecimentos (CARNEIRO, 2001; RAMOS, 2004).

Em situações conflitantes na sucessão existe o deserdado que é o indivíduo produzido pela totalidade interna para viver no mundo, (WOORTMANN, 1995, p.314) “O expulso é necessário para que a totalidade se reproduza”.

A saída dos filhos ou de alguns deles para seguir em outras profissões ou mesmo para ser agricultor em outro local faz parte das estratégias familiares para garantir a continuidade dos estabelecimentos familiares.

Os sucessores normalmente são os filhos homens. Para os italianos, segundo Carneiro (2001) e Santos (1984) a predominância na sucessão é pelo filho mais novo. Já os alemães, segundo Woortmann (1995) mostra a predominância na escolha pelo filho mais velho.

A escolha sucessória com as mulheres é mais rara, ocorre quando não há filhos homens ou elas são filhas únicas. A discussão de gênero que é delimitada como sendo uma construção social e histórica, distinta da base biológica do sexo. Gênero se refere às características socialmente produzidas e historicamente variáveis, já o sexo dá conta das características advindas da biologia.

Na definição de gênero duas questões: as relações sociais distintas entre os sexos e pode ser considerada uma forma primária de estabelecer relações de poder, com a dominação masculina e a subordinação feminina (SCOTT, 1995).

O trabalho das mulheres na agricultura não é reconhecido como produtivo ou com valor econômico. A divisão do trabalho define a agricultura como uma ocupação masculina, fazendo com que as mulheres sejam vistas principalmente, como donas-de-casa, não importando qual seja a sua contribuição à agricultura familiar (DEERE; LEON, 2002).

5.2 Agricultura Familiar com sucessão

A Faixa etária de sucessão na Agricultura Familiar varia de caso para caso, mas para uma base de idade para a pesquisa e estudo está em torno de 60 anos quando da aposentadoria.

Em relação à escolaridade a instrução escolar que sofreu de continuidade em função de que estava ainda em primeiro lugar o trabalho na propriedade e depois o estudo. Em relação à aquisição da propriedade “de mais de uma condição na aquisição do estabelecimento, a maior parte segue sendo através de herança” (RAMOS, 2004).

A compra de áreas acontece nas vizinhanças, pelo excessivo desmembramento das áreas, dos estabelecimentos considerados fragmentados e sob este viés fica a questão de desperdício de tempo em deslocamentos, serviços duplos como as sementes que são usadas no plantio, estão na sede e precisam ser deslocados para a área a ser trabalhada.

Tempo de aquisição do estabelecimento – 10 anos, 20 anos. A prática que herdaram dos pais foi através da transferência de ocupação entre gerações, caráter familiar da agricultura. Reboul (1996) denominou de “hereditariedade profissional”.

Stonek (1998) destaca que o trabalho familiar pode ser apreendido em um duplo registro.

Primeiro: divisão do trabalho entre diversos membros da família tendo um dos critérios o sexo, mas que nem sempre é consenso, porque existem outros fatores como afinidade a atividade, conhecimento técnico.

Segundo: intensidade da utilização da mão-de-obra por sexo e geração.

O Papel principal- Pai? As atividades administrativas, individual ou auxiliado pelos filhos. Filhos que realizam atividade administrativa Independente do pai (técnicas, compra de insumos, máquinas), já as filhas é raro ou inexistente.

Os filhos com pai ou sem pai realizam plantio, tratos culturais, colheita. Filhos na atividade agrícola, cujo aprendizado qualifica o agricultor; as moças se inserem nas atividades domésticas.

Alguns fatores para sucessão: maior socialização nas atividades agrícolas e administrativas (responsabilidades); maior envolvimento no trabalho; distribuir as responsabilidades –“dar um voto de confiança aos filhos”.

Na opinião de Gasson e Errington (1993) a condição fundamental para tornar os filhos sucessores “é garantir a eles a administração, gestão de algumas atividades do dia a dia”. Exemplo: escolha do fertilizante; o tipo e marca de máquina; manejo de atividades.

Nas atividades domésticas – mães e filhas trabalham na limpeza, na preparação dos alimentos das refeições, na compra de roupas para os familiares, que pela lógica os homens não são muito dados a compras, o que pode ser também contrariado.

Para Gasson e Errington (1993) “cuidar de animais, recolher ovos, ordenhar animais”, já outras atividades são classificadas por gênero mais raras e realizadas por elas. No entanto, este Capital Social que as mulheres através das atividades domésticas, agregam com o artesanato e atividades afins, estão redirecionando os gêneros nas propriedades (MARTINEZ, 2010).

Já a transferência de produtos, plantação com máquina, dirigir trator, fenômeno de gênero (masculino). Trabalhar na lavoura e em casa configura dupla jornada para as mulheres – meio dia em casa, meio dia na roça.

A composição familiar: famílias grandes e não tão grandes. As maiores têm maior possibilidade de sucessão? Mais ou menos, já meninas, pouca chance de sucessão. Entre sucessores ou não, os filhos homens têm o meio rural como principal local de residência.

5.3 Caracterização dos Sucessores

Em relação à Idade os sucessores são ainda jovens, entre os 18 e 30 anos, do sexo masculino ou feminino cujo estado civil, solteiros ou recém-casados, cuja posição em relação aos demais irmãos pode ser posição de progeneritura, de capacidade profissional e cuja escolaridade já pode ser no Ensino Fundamental (completo ou incompleto), Básico (completo ou incompleto), com Curso Profissionalizante na área da agricultura.

As filhas na sucessão: filho e filha celibatários; filha única, no caso de filhas, uma poderá suceder na propriedade.

Para Abramovay et al. (1998) a presença de filho em diferente posição (mais velho, o do meio, mais novo) parece não ser regra única na sucessão – o padrão sucessório pode obedecer a padrões sucessórios do passado ou não.

Continua o autor que o mais importante parece ser a permanência de um dos filhos , não importando a ordem de nascença. Estado civil na sucessão: casados, solteiros. Idade 20 anos a mais. No caso de celibatários sempre são mais velhos, 40, 50 anos.

Para Lopes (2006) nos sucessores celibatários, a sucessão poderá passar para os sobrinhos. A situação de filho (agricultor) casar com moça urbana distorce a ideia de moça urbana rejeitar ou não saber nada do trabalho do meio rural. Há dúvidas de pais em relação a noras urbanas, de não dar certo e às vezes é vice-versa.

A barreira a casamentos entre etnias Seyferth (1985), “há uma oposição a casar com caboclos péssimos para o trabalho”. Se urbanos, os caboclos só tem a roupa do corpo e não

sabem trabalhar e não conseguem reproduzir o modo social do campo. Filho que casou com professora (urbana), veio para o meio rural e ela está dando conta do trabalho, se adaptou.

A escolaridade varia nos sucessores – cursos de qualificação. A residência, os sucessores solteiros moram com os pais ou os filhos separados voltam com os pais em casas separadas, mas na mesma propriedade.

A separação por casas (pais e filhos) é para evitar conflitos (sogra x nora), preservar costumes, sistemas dentro da casa, conflito de ideias, hábitos, conflitos em controle de produção, negócios, acertos e outros.

Autonomia, enquanto eu tenho forças eu luto, “depois só quero o meu cantinho” é uma das manifestações bem como de muitas outras. Há uma ajuda mútua entre pais e filhos no trabalho – se ajudam. Os pais contam com os filhos e estes com os pais (otimização). O trabalho pode ser em conjunto, os graus distintos de participação é dependente da idade ou das fases do ciclo do desenvolvimento familiar (NALSON, 1968 citado por Gasson et al., 1988).

5.4 Agricultores Familiares sem sucessão

A faixa etária dos agricultores familiares em geral é acima dos 55 anos de idade para o homem e para mulher em torno de 52 anos.

A escolaridade na Agricultura Familiar sem sucessão familiar tem algumas definições ou conceitos próprios como “fui até o quarto livro”(entrevista informal), outros com o Ensino Fundamental incompleto ou completo.

Em relação ao tempo na propriedade a maioria pesquisada tem mais de 20 anos. Estes estabelecimentos são oriundos de herança com acordos firmados verbalmente na época em relação aos pais já idosos.

“Acordos familiares, para garantir a reprodução econômica e social das famílias” (CARNEIRO, 2001; SEYFERTH, 1985; WOORTMANN, 1995), são acordados, mas nem sempre cumpridos e como tal a não sucessão se deflagra.

A forma e a organização do trabalho (STANEK, 1998) “faz parte das estratégias familiares, sendo uma das mais importantes, capazes de orientar a vida dos estabelecimentos e conseqüentemente a sua continuidade nas próximas gerações”.

Uma das estratégias é com base na divisão sexual, onde a sistemática é a mulher estar nos afazeres domésticos na maior parte do tempo e dependendo dos ciclos da lavoura, no caso de plantio, colheita, também na lavoura.

Conforme Champagne (1986) a não sucessão pode ser caso de *só filhas* ou poucos filhos de ambos os sexos. Filhos ficam mais, filhas menos no meio rural (Wiesenhiter – duas filhas de 15 e 17 anos estão no meio urbano e os pais a sós). A residência dos filhos na não sucessão está nas cidades, mais mulheres que homens.

Os filhos saem de casa para estudar e trabalhar (SILVESTRO et al., 2001). O maior índice é feminino do que masculino. Na justificativa, a saída para estudar, pode ser uma rejeição à atividade agrícola.

Existem vários argumentos para a saída da propriedade, mas o que mais é destacado é o esforço físico como o principal motivo para a saída das moças do meio rural (BRUMER e SPANEVELLO, 2008). Os filhos homens saem da propriedade, querem seguir na agricultura quando as instalações são precárias, áreas desfavoráveis para agricultura mecanizada ou mesmo sendo não sendo favoráveis, tecnologias defasadas.

6 AGRICULTORES FAMILIARES COM SUCESSÃO

A partir deste capítulo e o seguinte estaremos apresentando os resultados obtidos com o trabalho de campo, pesquisa, entrevistas realizadas em propriedades com sucessão familiar e sem sucessão familiar.

Uma das características da Agricultura Familiar com sucessão na localidade da Linha São Francisco, é apresentar áreas pequenas, resultado de divisões sucessivas de áreas maiores, consideradas colônias, com 24 hectares e 200 metros, quando da sua colonização e existem algumas colônias com trinta hectares e ainda existem áreas que ficam unidas um lado do rio e seguem do outro lado, comportando áreas maiores (duas colônias).

Estas colônias foram divididas tendo os mais diversos motivos como herança a um filho (a) com alguns hectares, outras áreas foram vendidas a um dos filhos que tem a vocação para ser agricultor e deseja ficar perto dos pais e irmão sucessor.

6.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES

As propriedades da Linha São Francisco são em torno de 50, (abaixo parte do mapa – da Linha São Francisco, sem data e autor, conforme Topógrafo Sadi Cardoso da Prefeitura Municipal de Três Passos).

Figura 3



Mapa da Linha São Francisco. (Prefeitura/Sec. Obras)

Colonizadas na década de 1940-50 com a fixação de alemães e italianos **em lotes**, onde construíram as suas casas e benfeitorias, no lugar das matas derrubadas, desenvolveram uma agricultura colonial, com a fixação a terra pelas famílias umas com filhos pequenos, outras sem filhos, que aumentavam com o passar dos anos.

Atividades de subsistência para as famílias na época era o cultivo da mandioca, milho, porcos, mais tarde na transição “metamorfose” (PLEIN, 2003) para Agricultura Familiar.

Para Silvestro et al. (2001) “os agricultores locais são substituídos por outros de fora”, uma das decorrências no esvaziamento rural, propriedades de áreas maiores para menores, e ainda áreas que por muitos anos tinham vínculo familiar, hoje pertence a terceiros.

As propriedades se dedicam a algumas atividades como a produção de grãos commodities, que para Silvestro (2001) “representa uma alternativa econômica”, apesar de áreas pequenas, monocultura, mas que agregado com a atividade leiteira representa um equilíbrio financeiro, onde o leite representa o “salário” do fim do mês, para as despesas.

Atividade dos atores na propriedade representando um aprendizado com novas tecnologias, onde o tradicional da agricultura colonial passa por transformações. Uma destas transformações no meio rural é a produção de leite, que está sendo um dos motivos para o jovem ficar na propriedade, que está proporcionando um rendimento, um dinheiro a mais, para aquisição de bens de consumo como ter uma moto ou um carro.

Com equilíbrio econômico há a possibilidade de se adquirir um bem, carro, moto, máquina, trator, ou trocar o existente por um melhor.

O acesso às propriedades é via “estrada de chão”, vicinal com manutenção da Prefeitura e cujo estado de uso é regular. Esta linha é determinada por esta estrada, cujo traçado atravessa a linha por mais de cinco km usada no transporte da produção. Existe a BR 468 já mencionada e a VRS 822 Três Passos- Esperança do Sul de péssima conservação, mas que facilita o deslocamento dos agricultores.

QUADRO 01

Síntese da caracterização das propriedades da Linha São Francisco

As propriedades da Linha São Francisco (Fig. 4) iniciam junto ao KM 106 da BR 468, que liga Três Passos ao município de Tiradentes do Sul, onde 50 propriedades em média, iniciaram a sua colonização na década de 40.

Duas etnias que se estabeleceram nesta linha com as mais diferentes razões, vindas das “colônias velhas”, outras oriundas da 4ª leva de migrantes dentro do Estado se estabelecendo na região Noroeste, Missões, Grande Santa Rosa, Alto Uruguai e Celeiro.

O relevo na região é de colinas onduladas, apresentando leves declínios junto ao rio São Francisco, cujo nome se acredita ser dado por sugestão de uma família de italianos, relacionado à questão religiosa e o santo protetor, muito comum nos católicos. A nascente

do rio de largura modesta entre 1 e 3 metros, é junto ao bairro Pró-morar, divisor entre o urbano e rural, que na sua nascente também sofre deficiência de vegetação, suas margens contam com “clarões”, falta de mata ciliar e como tal o assoreamento do mesmo, a inexistência de peixes como o lambari, jundiá...

Interessante que no “croqui” (Fig. 3) existente na Prefeitura Municipal, neste trabalho reproduzido pela imagem do Google, o formato das colônias é retangular, na margem direita do rio, as colônias não tem estrada vicinal, do contrário do lado esquerdo, onde todas as propriedades são cortadas pela estrada e quase todas as propriedades ficam entre a estrada vicinal e as margens do rio.

O solo apresenta cor vermelha, próprio para a prática de agricultura, apresentando áreas para “máquinas”, as outras perto do rio apresentam um solo arenoso, que no passado foram exploradas por “olarias”⁵ cujo barro era usado como matéria-prima na produção de tijolos, telhas usados na construção civil.

A maioria das propriedades apresenta atividades agrícolas com a produção de grãos milho, soja e trigo. Outras produzem grãos e têm a atividade leiteira, umas com grande produção outras com modestas quantidades.

As casas algumas desgastadas pelo tempo de madeira, outras de alvenaria, com acesso por estrada vicinal, ensaibrada em estado regular de uso para transporte do leite, de grãos, transporte escolar e não se descarta o trator com “carretão” e algumas raras carroças com tração animal.

Esta Linha tem um prédio escolar fechado há mais de 5 anos, denominada Escola Municipal do Alto Caçador, que fica do lado direito do rio e dependendo da distância dos moradores, representava uma distância de 2 a 3 km cujos alunos eram transportados via Transporte Escolar. Esta escola de alvenaria tinha duas salas, cozinha, banheiros e que há alguns anos fechou as suas portas por falta de clientela suficiente para manter professores, doméstica e hoje os alunos se encontram em escolas polos. Tinha um dos professores mais conhecido e querido no município e adjacências, Francisco Woiciecoski, além de professor era o pacificador de famílias, orientador, um mestre, já falecido e com ele foi à fama e a sua escola que tanto amou e trabalhou por mais de 35 anos.

O único time de futebol da linha São Francisco era o Esporte Clube Olarias, nome oriundo das olarias existentes na localidade e que reunia muitas pessoas residentes e conseguia formar dois times, considerados os titulares e os suplentes. Há muitos anos por falta de jovens para jogar a agremiação encerrou as suas atividades. Resta hoje o campo (potreiro), onde alguns animais se alimentam com a grama.

Um fato terrível aconteceu em junho de 1975 nesta linha, com o assassinato do casal Mezzomo (Firmino e Otília), italianos de Caxias do Sul, e que residiam nesta linha desde a

⁵ Olericultura (Olaria) é uma indústria que faz tijolos, telhas, usados na construção e cobertura.

década de cinquenta, quando do início da colonização da linha em 1945, conforme Arlindo Marchioro.

Nesta mesma linha tinha um curandor famoso para alguns Schwede muito procurado, benzia, receitava chás, “costurava” hérnias (rendiduras), resultado de serviços forçados, pelo psicológico e que depois de seu passamento tem esta mesma atividade continuada pela filha mais nova na mesma propriedade. Pelo raciocínio lógico, esta atividade era praticada pelo “caboclo”, no passado, o contrário da lógica, um alemão ser curandor.

Nesta Linha tem uma agroindústria de vassouras coloniais (Fig. 11) e produção de máquinas para a industrialização das mesmas (fig. 12). Outras como Essência da Terra com a produção de produtos com mel e Trilha Ecológica, que por falta de apoio do Poder Público e de Incentivos, está inativada.

As famílias praticam a religião católica, evangélica cujas comunidades ficam a distâncias diferenciadas, na vila de Padre Gonzales. Estas igrejas foram construídas pelos colonizadores na década de 1940-50 em madeira, através de mutirões, e para a aquisição do material, foi feito doações dos agricultores como madeira, mão-de-obra, festa do padroeiro e hoje estas mesmas igrejas já estão modernizadas mais amplas, modernas em alvenaria, mas vazias. A prática da religião ficou para “os mais velhos”, mulheres e algumas crianças na catequese, e os jovens não vão à igreja ou muito poucos vão porque são a minoria no meio rural.

Fonte: DEBESAITIS, 2013

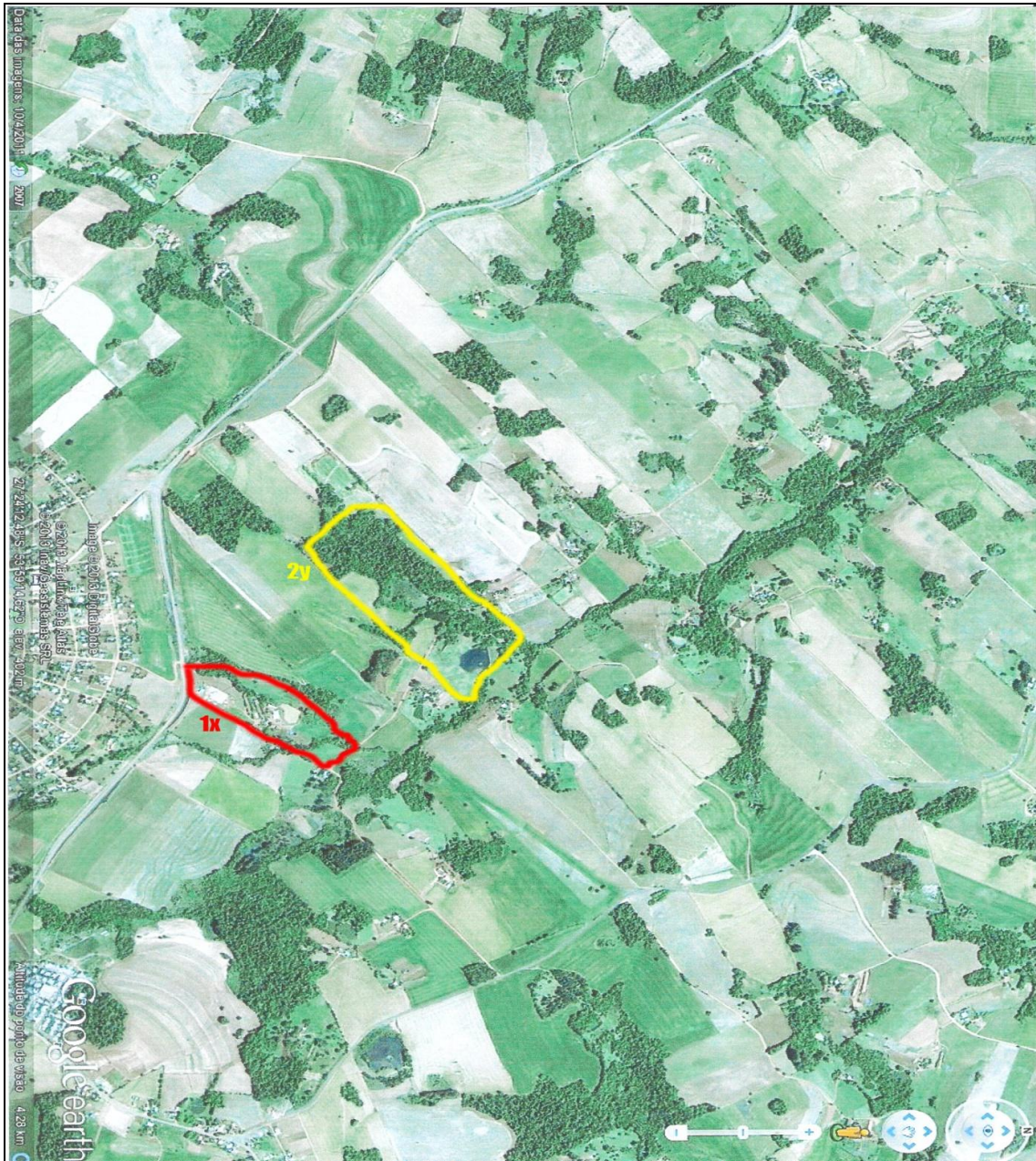
QUADRO 02

Síntese contemplando as principais características das propriedades do município de Três Passos e da Linha São Francisco

CARACTERÍSTICAS	ASPECTOS
Tamanho das propriedades no município	As propriedades em média tem uma área de 10 hectares.
Situação Fundiária no município	Terras próprias adquiridas e herança.
Principais Atividades	Produção de grãos, leite, suinocultura, aves...
Número de filhos	Filhos na propriedade (sucessão) em 14 propriedades, 32 propriedades sem sucessão na L. São Francisco
Ocupação na propriedade	As atividades na propriedade são na produção de grãos, leite e suínos.

Fonte: DEBESAITIS, 2013.

Figura 4



6.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PAIS E FILHOS

Neste contexto vou me deter na pesquisa realizada junto a uma propriedade que em seu contexto apresenta indícios de sucessão familiar, como filhos e netos.

A referida família aqui identificada como (1X) é composta pelo “patriarca” ainda vivo com 87 anos de idade, viúvo há mais de vinte anos, que faz parte da história da propriedade, saúde já precária, mas muito lúcido em relação a fatos da vida, do sofrimento físico no início da colonização local, na questão da saúde com doenças, mas todas superadas com medicina caseira, ou benzeduras.

O patriarca com sua esposa constituíram uma família composta por três filhos, uma filha e dois filhos, residentes os filhos, perto do pai, já a filha depois de se aposentar encontrou um “companheiro” na Suíça via internet e lá reside já há cinco anos, visitando os familiares a cada ano ou propiciando a eles viagens de visitação.

O filho reside na propriedade desde 1995, no lote 175 conforme croqui da Linha São Francisco, (Fig. 3) pela Prefeitura, adquirido em 1990 em parceria com o pai. Antes o casal residia junto com os pais na área rural, divisora com a área urbana da cidade de Três Passos.

O casal proprietário de uma área menor de 7,1 hectares fixou residência com três filhos ainda pequenos na época, homens (Fig. 5). A propriedade tinha uma infraestrutura ainda que precária, uma casa, galpão, chiqueiro, potreiro e uma área para cultivo de grãos e atividade leiteira.

O início da atividade leiteira foi com seis animais, cujo trabalho era para a esposa e os três filhos que além da ordenha, leite usado na propriedade e comercializado a granel no sistema da época em tambores ainda não refrigerados, recolhido pelo “leiteiro”.

Os animais eram conduzidos para os piquetes, ou potreiro com grama pelos três filhos que agregavam ainda a produção de pasto para complementar à alimentação animal. *“eu tinha uma rotina quando pequeno, cuidar das terneiras, dar pasto, levar água”* (filho-agricultor). Muito destas práticas é reflexo do sistema colonial de fazer agricultura.

Nesta atividade leiteira, falta na região, segundo produtores, uma cooperativa com atividade específica para esta atividade. A matéria-prima, agregar valor com a produção de leite para comercialização, creme de leite, queijos.

A fidelização do produtor a uma cooperativa, a comercialização de produtos para atividade leiteira, a renda mensal pela comercialização do leite e o resgate dos lucros da atividade são importantes para a propriedade (MARACHIN, 2004).

A região precisa rever esta saída da matéria-prima, que vai para outras regiões e retorna em forma de produtos industrializados com valor agregado para outras regiões e nós continuamos a “exportar” a matéria-prima e “importar” os produtos industrializados.

O agricultor se envolvia com a produção de grãos milho, soja e trigo. Como a família crescia em idade, os filhos, era necessário segundo o pai, ampliar, ou achar alternativas para ocupar a mão-de-obra dos filhos que começavam a ter as suas exigências, necessidades e na Escola, surgiam as “competições” entre alunos e a realização de tarefas na propriedade.

A mesma propriedade agregou mais uma atividade, que é a produção de suínos integrados à Sadia, hoje Seara local. Considerado um serviço mais fácil, além dos animais de ordenha, já se tinha mais uma alternativa, trabalhar nas pocilgas, na limpeza, manejo. *“Eu não vejo com ter entrado na atividade, sem ter uma atividade importante (leite) como escora”* (filho-agricultor).

O gargalo se acentuou, quando os filhos crescidos e cada um queria ter o seu “dinheiro” para as suas necessidades, festas, bailes, talvez uma moto. Foi aí que o pai sugeriu aos três filhos que eles cultivassem uma área, cedida pelo pai, com o ônus dele como semente, plantio, só exigia que os mesmos cuidassem, “e o que eles colhessem poderia ser deles” (agricultor).

Neste momento o filho mais velho vai à procura de emprego, para trabalhar fora, mas continuar na propriedade cinco km, cidade. Inscrito na Sadia, foi chamado e tinha emprego. Os outros dois irmãos continuavam com as atividades. E aí o irmão do meio é surpreendido por uma gravidez de uma guria com quem teve um relacionamento e aí “a coisa complicou”. A mãe ajuda a cuidar da neta e as necessidades aumentaram ainda mais. A saída é também procurar um emprego para sustentar a família que da propriedade estava difícil. O emprego também foi difícil e aí era necessário “aventurar” sair de casa, do município e achar emprego, para ao menos pagar “a pensão alimentícia”.

6.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUCESSORES FAMILIARES.

Figura 5

Sucessão Familiar



Quatro gerações presentes nesta propriedade, prolongam a Sucessão Familiar.

Noeli, neto, Hilário, Marcelo, Marcos e o filho, Agrônomo Marcelo e Enio.

Fonte: Foto arquivo Estágio Supervisionado I DEBESAITIS, 2011.

O filho primogênito (minorato) continuava na propriedade, cursou o segundo grau, mas as atividades na propriedade já exigiam mais conhecimentos técnicos e aí a saída era realizar um Curso de Técnico Agrícola em Zootecnia, já que o pai realizava um trabalho de “ensiminador comunitário” na mesma linha. Para a conclusão do Curso, um estágio numa propriedade de Casto, Paraná, Confinamento de Gado Leiteiro.

Pelos estudos, o primogênito se “flagrou” que a profissão agricultor se refere ao conhecimento institucionalizado, complexo, especializado e sistematizado (BONELLI e DONATONI, 1996). A profissão agricultor “às atividades requerem um nível ou título superior para o seu desempenho, sendo considerados profissionais os detentores de curso superiores, enquanto os não, portadores de tal título, apenas ocupação” (MARTINS, 2003).

Concluído o Curso, o primogênito volta para a propriedade para se integrar as atividades com o pai e a mãe que ficaram na propriedade trabalhando segundo seu sistema e visão. Começaram os “conflitos” entre a teoria (primogênito) e a prática (pai). Isso fez com que o primogênito solicitasse ao irmão mais velho, já Supervisor na empresa e residente em Minas Gerais, cursando Administração de Empresas e ganhando um “bom dinheiro”, que retornasse.

“Apesar de eu ter tido essa oportunidade, de eu ter saído da propriedade, experimentei e vi que não era o que eu queria para mim.” (filho). Desafio é uma palavra que faz parte do vocabulário do irmão mais velho, *“eu queria aquele salário na agricultura e fazer o que eu gosto”* (filho).

Criado este contexto, os dois irmãos juntos com um objetivo comum, desenvolver a atividade agrícola, tendo a propriedade do pai, como base de ação, mas não dependendo da mesma para sobreviver na atividade. Numa dessas conversas com o pai e perguntado: Como estão às coisas, (clima familiar) como te sente? Ele foi taxativo, *“estou sobrando”*.

Esta conclusão segundo o pesquisador deixa transparecer uma réstia de conflito entre alguém que sempre foi a “cabeça” na atividade, o que mandava e estava perdendo terreno para os dois filhos que unidos, com uma proposta e a firma determinação de que ia dar certo estavam querendo “mandar” no que era do pai.

Como fazer dar certo? Era uma questão de honra para os dois filhos, já que a questão sucessão, o pai nunca tinha conversado e era necessário dar um futuro a propriedade e poder econômico aos filhos, já que a área era muito pequena e não havia possibilidade nem de um filho ficar na propriedade.

Mas a vocação de ser agricultor, de querer lutar com todas as forças, levou os dois filhos a planejar as atividades na propriedade, além da bovinocultura do leite, acrescentando mais aos 12 animais já existentes, mais 14, comprados com uma poupança do mais velho, com FGTS (Fundo de Garantia Tempo de Serviço) da empresa em que trabalhava.

Aumentar a produtividade para gerar mais poder econômico e com isso ampliar as atividades e a área de produção. *“Entre a ambição em querer mais ou ficar na mesmice, a gente optou com o que se tinha, a gente vai investir mais no próprio negócio, sendo dono e podendo definir o que se quer”* (filho), dá uma definição de como se deve encarar uma realidade.

Com a produção de leite, de suínos, propriedade pequena, o problema ambiental desafiava a viabilidade da propriedade. Alto índice de contaminação exigia adequação da atividade ou a paralização de uma das atividades. E aí, depois de três anos de “poupança” das atividades, a alternativa foi à canalização da atividade leite, para o sistema de Confinamento, tendo em vista que a situação atual de pastoreio ao pasto, piqueteamento “*estava com os dias contados*” (filho).

Um investimento em torno de trezentos mil, possibilitou a construção em alvenaria de uma estrutura que pudesse abrigar até oitenta animais, obrigando a ampliação do plantel que era em torno de 30 animais produzindo leite. Com 50 animais, a produtividade passou de mil litros/dia, mais alimentação, mais tecnologia, isso foi “avultando” o alto custo com aquisição de máquinas para suprir a falta da mão-de-obra.

A aquisição do “vagão ensilador”, que com comando eletrônico, capta a alimentação necessária para a dieta do momento, ainda novidade na região, cuja finalidade era misturar os ingredientes juntos com a silagem e distribuição do alimento aos animais.

Figura 6

Filho, sucessor.



Fonte: DEBESAITIS, 2013

O reflexo dos investimentos estava na produtividade e como diz o entrevistado (Fig. 6) “*quem vê de fora, só vê as coisas boas, o que eles têm e não se tem a visão do sacrifício para se chegar até aí*”. Como a atividade estava dando certo, era necessário acrescentar novidades, que não tinha na região. Prestação de Serviços já existia, mas o comum como “*lavar, plantar, passar veneno*” O que fazer para inovar, empreender? Importante a Internet, como fonte de consulta, pesquisa e a descoberta que meio por acaso, de um “kit para a produção de feno”, necessário na alimentação animal e inexistente na região.

Outro investimento, bem planejado que deu um retorno muito bom com a comercialização do produto para as agropecuárias e a venda a particulares. O primeiro

investimento a compra de uma área de terras, cujo valor foi produzido por todos, e canalizado para o irmão e filho mais velho, que tinha mais investido até então.

O trabalho de Silvestro et al. (2001), compreende os principais determinantes *na formação de uma nova geração de agricultores*, que está muito presente nesta concepção dos filhos na sucessão na propriedade. Perguntado se fosse começar hoje, você seria agricultor? *“Com certeza, não tenho dúvidas, e seria uma satisfação muito grande se os meus filhos continuassem o meu ramo na agricultura”* (filho). Na mesma direção desta ideia, outra que se completa *“Hoje, não sei se mais adiante, a questão é de instinto, a tendência da agricultura é melhorar, a população precisa comer, então não tem como a agricultura acabar”* completou.

O grande desafio ainda estava por vir, já que os negócios estavam dentro de uma normalidade, inovar era a hora. O que fazer para ser “ponta de linha” em uma atividade ainda não presente na propriedade e região.

A Internet foi fundamental na procura de uma atividade que fosse rentável e viável economicamente e que pudesse agora contemplar o outro irmão com um investimento, em terra de preferência. Eis o desafio encontrado: na região se produz silagem, alimentação para os animais com ensiladeira acoplada ao trator, que exige carretão, dias de serviço e a dificuldade de compactar o alimento dentro do “silo trincheira”.

Localizada uma automotriz forrageira, importada da Alemanha, em uso em Campinas São Paulo, foi “a bola da vez”. O primogênito, muito dado a tecnologias, consertos, viajou a São Paulo, para ver a máquina. Investimento de trezentos mil, setenta mil de entrada, garantia de uso da máquina, ainda restava o deslocamento da mesma, até Linha São Francisco, Padre Gonzales.

Mas só a máquina não bastava era necessário no mínimo de três caminhões caçamba tracionados para acompanhar a referida máquina, com capacidade de corte de 2 hectares/hora, em torno de cem toneladas de alimento. Custo da hora com transporte setecentos reais. Custo da hora trabalhada, a metade, outra metade, lucro.

Com a prestação de serviços a terceiros, (pluriatividade) exigia mais mão-de-obra, convidar o irmão do meio que ainda se encontrava fora da propriedade, para que retornasse e assumisse esta outra dimensão das atividades na propriedade. Como não é ser convidado e sair, têm a família, filhos. E este foi um dos problemas a ser resolvido. Primeiro o retorno de todos, mas não deu certo, a esposa e filhos voltam com os pais, com os quais estiveram juntos por vários anos. Ainda restam algumas coisas mal resolvidas, as atividades estão ainda em ascensão.

6.4 DINAMICA DA SUCESSÃO FAMILIAR E A NOVA GERAÇÃO DE AGRICULTORES

“A sucessão familiar foi por imposição. Pai nós (três irmãos) queremos assim e assim vai ser” (filhos). Com este desafio, uma proposta estranha segundo os costumes mais tradicionais, com negociação entre pais e filhos, na situação atual, aconteceu no sentido inverso, onde os filhos para salvar “a vocação” de agricultores, impõem uma sucessão familiar não nesta propriedade, mas em propriedades anexas, adquiridas com compra de terras, tendo por critério a questão da idade, na aquisição dos bens.

“Por mais que o pai tenha que assinar documentos, ser avalista, não aceitava com naturalidade muitas vezes nós notamos a satisfação do pai, pela gente ter conseguido. Ele fala com satisfação que a gente fez assim e está dando certo” (1X filho).

Para um filho que deu uma única vez um abraço no pai, quando longe nunca recebeu a recíproca do pai, deixa em aberto os conflitos que toda negociação familiar tem. *“Na minha realidade a sucessão familiar vem de berço”* (filho).

Para Gasson e Errington (1993), as formas de sucessão são variadas. Uma é o filho sucessor residir num estabelecimento separado do pai e estabelece uma forma própria de gestão e exerce o processo de tomada de decisão forma independente.

Para Burton e Walford (2005) a sucessão é baseada no ciclo da vida familiar em vários estágios, como: as crianças dedicam tempo par o estudo e iniciam os trabalhos; intensifica-se a participação dos filhos no trabalho; são delegadas mais responsabilidades em termos de técnicas e métodos produtivos e finalmente o pai se retira da administração da propriedade.

Estes estágios de certa maneira estão muito presentes na atual situação, onde todos os filhos estudaram e iniciaram os seus trabalhos na propriedade, com o tempo se intensifica a participação com a delegação de responsabilidades e finalmente, evidente com algumas resistências, o afastamento do pai da administração da propriedade.

“Eu me sinto um classista, como bancário, advogado. Talvez ele não se satisfaça com um salário de três mil reais, é uma questão pessoal de cada um, o que importa é você alcançar o seu sucesso profissional” (filho).

“Eu tenho uma satisfação muito grande em ser agricultor, agroempresário (Fig.7), com foco num negócio, é o mesmo que no meio urbano” (filho).

Figura 7

Irmãos sucessores



Fonte: DEBESAITIS, 2013.

QUADRO 03**Síntese da entrevista da caracterização de agricultor com sucessão na Linha São Francisco.**

Residente há mais de 20 anos na Linha São Francisco, (Fig. 5) distante da sede do município 5 km, casal com (64 anos e 58 anos) aposentados, tendo a agricultura sempre, como a principal atividade. Os três filhos do casal, dois fora retornam e se somam ao primogênito que ficou na propriedade. Os três filhos são agricultores, em circunstâncias diferenciadas com esposas agricultoras e urbanas. O primeiro caso consumado, no segundo com dificuldades em relação à adaptação de vida urbana para a rural. Por enquanto a situação está em “litígio”, isto é, pode retornar ou não. Em relação ao terceiro e primogênito, namorava uma moça urbana de origem rural, mas que desistiu do namorado, por este priorizar o trabalho e não a namorada.

O estabelecimento tem em sua forma original 7,1 hectares de uma área maior de uma colônia, que na parte restante tem outro dono. As atividades na propriedade são diversificadas como a produção de grãos, soja, trigo, o milho na alimentação animal na propriedade. Produção de leite, suínos e a prestação de serviços a terceiros.

A capitalização da propriedade nesta “sociedade” entre pai e filhos, com independência de poderes. Entre os diversos trabalhos, há uma hierarquia, ou afinidade como uso e aplicação de tecnologias (tecnólogo), com produção, produtividade e manejo do gado leiteiro (tradição e modernização), suinocultura (prestação do serviço orientado pela integradora) e a Prestação de Serviços com tecnologia de ponta, diferencial em atividades, rapidez, tempo e custo.

São sócios do Sindicato, da Cooperativa, da Associação, participando no possível de todas as atividades como reuniões, dias de campo, presença em feiras como EXPOINTER, EXPODIRETO e outras mais locais pela região como FEICAP de Três Passos, FENASOJA, Santa Rosa.

Acreditam na agricultura apesar de suas dificuldades em relação a intempéries, financiamentos, não vai terminar talvez mudar o seu perfil como do colonial, para o familiar, patronal, mas produzir alimentos para o povo ter o que comer garante os dias futuros. De pedacinho em pedacinho de terra vamos ampliando o nosso poder de produtividade diversificada, garantindo a sucessão familiar no meio rural.

Em relação à inserção dos filhos do agricultor e agricultores na sociedade acontece das mais diversas formas como na comunidade religiosa na diretoria, na sociedade com a participação em bailes e festas, ressaltando que nem sempre as atividades na propriedade permitem esta integração nesta modalidade, mas existem outras.

Como a sucessão nunca foi preconizada pelos pais em relação aos filhos, os mesmos reconhecendo a limitação da propriedade, usando a mesma como base de ação, agregaram pelas atividades, áreas de terras por compra, através dos rendimentos das atividades.

QUADRO 4

Síntese das principais características de agricultores com sucessão familiar na Linha São Francisco.

CARACTERÍSTICAS	ASPECTOS
Faixa etária	Acima de sessenta anos
Aquisição da terra	Herança e compra
Tempo	Acima de vinte anos
Trabalho Familiar	Atividades importantes do pai e dos filhos de forma independente. A mãe/esposa realiza atividades de cunho doméstico
Número de filhos	Três
Local da moradia	Meio rural, em casa dos pais e independentes.
Sucessores	Os filhos homens, independente de idade, com áreas conquistadas pela compra em conjunto. Entre 28 e 34 anos, escolaridade 2º grau. Esposas do meio rural e urbano

Fonte: DEBESAITIS, 2013.

7 AGRICULTORES FAMILIARES SEM SUCESSÃO FAMILIAR (2Y)

O tamanho das propriedades enquadradas sem sucessão familiar tem características dentro da mesma linha, com relevo levemente ondulado, nas encostas junto ao rio se apresenta mais declivoso com lajedo, poteiros, cerca de contenção dos animais com palanques e arame farpado. Quando o rio tinha peixes como lambari, jundiá, depois de uma chuva de verão, “a pi lazada” vinha pescar, hoje não existe mais peixe e nem pescaria.

As áreas das propriedades sem sucessão pouco variam em sua superfície em relação às que tem sucessão e muitas vezes inclusive a área é superior, não sendo característico desta linha o uso de arado de boi, carroça, a terra é plana (de máquina), sem trabalho braçal. O que se observa é que não existem pessoas, barulho, tudo é silêncio.

Existem distâncias consideráveis entre vizinhos, o que dificulta na procura de socorro, em caso de doença, dificuldade no sinal do celular, o acesso as estradas é regular, em dias de chuva com mais problemas, barro, buracos, “bueiros” que não comportam a água que desce das terras. No passado se continha estas com a construção de curvas de nível, hoje uma prática em desuso.

As terras já “cansadas” pelo uso intenso no passado, hoje partes são cobertas de capoeira, por não ter quem faça uso, ou realmente é para descanso. Mas o descanso pelo descanso em nada resolve, é preciso ajudar com o uso de esterco, esta prática também está em desuso, porque a carroça está quebrada, os animais já foram vendidos, resta alguma vaquinha “*para o leite*” do casal, aposentado, de andar vagaroso, saudosista, desiludido “*da vida*”, os filhos estão longe ou na cidade, “*aparecem de vez em quando*”. (agricultor)

A decepção além do saudosismo do passado é o desprezo dos filhos pelo patrimônio dos pais, onde nasceram, cresceram, foram alimentados com o suor dos pais, que se destruíram para que os filhos crescessem e agora?

A casa já desgastada pelo tempo ainda de madeira, cuja pintura não se distingue ou pela vetustez ou sem pintura ainda, de janelas pequenas com vidro ou sem que abram de vez enquanto para o sol dar uma iluminada. Chamar, bater, demora alguém aparecer, de andar difícil ou doente ou alquebrado pelo trabalho braçal do passado, quando se fazia tudo para todos da família.

Às vezes se ouve dentro da casa um rádio que traz as últimas notícias, mas as principais são as notas de falecimento, quem foi? Conhecido? Culto, missa de corpo presente? Estes assuntos ainda são importantes, dos poucos que sobram. Outros ainda “aproveitam a vida” fazendo parte do grupo da terceira idade e participam quando tem “auto” para ir, mas quem não tem mora longe, não vai.

Este é um “raio x” de algumas realidades, outras já são diferentes e não poderiam deixar de ser, tendo em vista que cada um tem um sistema de vida. Os problemas sociais, psicológicos são evidenciados e agravados pela viuvez, “abandono” dos filhos.

7.1 CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

A propriedade escolhida para a presente pesquisa fica na linha São Francisco, (Fig. 8) acesso junto a BR 468, distante três quilômetros do asfalto, cujo acesso é pela vicinal, estrada de chão, distante da cidade há oito quilômetros. Faz parte deste contexto acima descrito, ainda agravado mais pelo convívio social, tendo em vista que o filho na cidade de Três Passos visita os pais nos fins de semana, deixa o neto com os avós. Os outros dois filhos, a filha está em Estrela e outro filho em São Borja, engajado no Exército Brasileiro.

O casal aposentado, ele com 64 anos, segundo grau completo, a esposa 56 anos, afazeres domésticos e por muitos anos foi diarista em casas e bares na cidade, para ajudar financeiramente na casa. Com um irmão residente em Santo Augusto que também saiu da propriedade quando mais novo, foi trabalhar em jornal e hoje é redator para vários jornais. Os bens na propriedade em construções tem apenas uma casa de madeira,

Figura 8

Propriedade sem sucessão familiar



Residência do casal de aposentados

construída pelos pais, já falecidos, um dos primeiros colonizadores da Linha da etnia alemã, religião evangélica.

Uma característica desta propriedade é totalmente diferente de todas as outras que poderiam se enquadrar na descrição acima. Esta tem 18 hectares, cultivável seis, matas e

outros, 12 hectares. Esta propriedade tinha uma agroindústria com produtos de mel e também uma área ainda nativa, duas trilhas ecológicas, uma com 700 metros dentro da mata com identificação de árvores, nascentes, pássaros, animais de costumes noturnos entre as informações que eram levadas a excursões de estudantes, ou outros.

A proposta era incluir as trilhas, os produtos coloniais à base de mel, no caminho do turismo que se queria fazer, mas até agora *está só na intenção*.

A outra trilha com 1500 metros para as pessoas que gostavam de fazer trilha a pé, mas que não deu muito certo. Quem vai *“pagar para andar para andar dentro do mato”*, chão molhado, galhos caídos, dificultando a passagem.

No potreiro um açude grande com algumas espécies de peixes como a carpa capim, cabeça grande, usado no consumo da propriedade. Fazem parte deste lugar bucólico, seis pôneis, que são usados por alunos que visitam a propriedade para um andar e conhecer a propriedade.

Na área cultivável, planta soja, milho e trigo, serviço que é prestado por terceiros, área mecanizada e a produção tem liquidez espécies adaptadas à região e a comercialização é feita junto à cooperativa.

7.2 CARACTERIZAÇÃO DE PAIS E FILHOS.

Residem na propriedade somente o casal, cujos filhos saíram da propriedade em torno dos 18 anos de idade. Perguntado, se fosse se tornar agricultor de novo, o agricultor disse: *“Não, me dedicaria as Ciências Biológicas, zoólogo ou botânico, me fariam preencher um vazio no meu corpo”* (agricultor). Cabe destacar que o agricultor também foi professor em escola privada, quando o segundo grau era uma formação diferenciada, hoje não. Perguntado: porque voltou para a propriedade? Respondeu: *“que o pai dele estava sendo explorado por um terceiro e ele resolveu ajudar o pai e salvar o patrimônio”*.

Este misto de vocação ambiental e agricultor nesta propriedade é muito forte, onde são mais de 60 araucárias plantadas, quando ele era ainda menino, na propriedade onde nasceu. Realmente é um espetáculo aquela propriedade pela sua beleza, melhor, pela sua forma natural, pelo ar puro que se respira, pelo cantar dos pássaros. Só tem a casa, modesta, pobre, desgastada e mais recentemente construiu dois banheiros para os visitantes. Segundo as exigências para enquadrar a sua propriedade, além da agricultura, turismo rural seriam necessários investimentos, que não tem e que o retorno seria muito difícil de atingir.

O agricultor faz parte de Sindicato, Cooperativa, Associação, Conselho Agropecuário e sempre é prestativo na composição de diretorias, as quais na maioria, ele é Secretário por ter capacidade de escrita, desinibido no falar e principalmente é um leitor, cujo segundo

grau lhe dá uma profundidade de argumentos junto a problemas comunitários e é muito incisivo, isto é, crítico construtivo, mas mal interpretado e daí às vezes, o seu anonimato.

Em relação aos filhos se foram estimulados a permanecer na propriedade. *Não*. Aos dez anos de idade os filhos foram estudar em colégio, estimulados pelo Transporte Escolar, oportunizado pelo Poder Público. Atividades diferentes e envolventes dentro da escola *desmotivaram os filhos ao retorno ao campo*.

Os filhos já se manifestaram contrários em exercer a profissão agricultor. Sentem-se despreparados em conhecimentos, uso de tecnologias e principalmente nas ações pertinentes ao ofício: como preparo do solo, plantio, limpeza, colheita entre outras tarefas que exigem astúcia, determinação e muito esforço físico.

7.3 CARACTERIZAÇÃO DOS NÃO SUCESSORES FAMILIARES

Os pais herdaram o estabelecimento da geração anterior, tem interesse em repassá-la para a geração seguinte, podendo impor uma pressão sobre os filhos para que permaneçam e mantenham a tradição familiar (GASSON e ERRINGTON, 1993). Este mecanismo o agricultor usou, mas *“forças ocultas”* influenciaram mais que a autoridade dos pais em relação aos filhos.

Não se pode afirmar *“que os filhos, ou todos os filhos, não desejam seguir a atividade paterna, ou que as relações familiares e a família, enquanto instituição formadora tenha perdido a validade”* (TEDESCO, 1999; WANDERLEY, 2001).

A sucessão familiar passa por *“reviravoltas”*, indefinições, incerteza, pois as regras estabelecidas ou padrões sucessórios antigos estão perdendo a validade, sem que outras novas sejam estabelecidas (SILVESTRO et al., 2001).

Na propriedade pesquisada o agricultor desabafava *“que mesmo tendo uma razoável biblioteca, um lugar sossegado e atraente, a gurizada aos 14 anos seguiu a luz do asfalto”* (agricultor) e ninguém ficou na propriedade.

É visível na atualidade que a juventude rural não tem recebido a atenção merecida. A participação nos processos de gestão e execução das atividades, na maioria dos casos desconsiderados por seus pais (agricultor).

Por outro lado segundo o agricultor as políticas públicas não atendem aos anseios e necessidades desses jovens, contribuindo para a inviabilidade de sua permanência no meio rural.

Uma questão levantada pelo entrevistado em relação á questão gênero e a igualdade, é ter um olhar voltado para os jovens, ultrapassando os tempos em que eles foram considerados *“incapazes e inferiores”*.

Ainda o entrevistado destaca a importância das moças, como *“sendo mais atenciosas, guerreiras, construtoras de liberdades e demonstram que estão girando a roda da vida há muito tempo”* (agricultor 2Y).

Em relação às agricultoras ou produtoras rurais, assunto dramático e que reflete diretamente nas filhas, são as primeiras que saem da propriedade. Reflexo de ausência de programas voltados as jovens, sem alternativas na agricultura que deem emprego e renda, muito trabalho sem lucro, ausência ou fechamento de escolas no interior.

Os deslocamentos difíceis, sistema viário precário, comunicação eletrônica deficiente, internet não tem, faltam práticas educacionais voltadas ao meio rural, não tem escolas, não tem bibliotecas, não tem encontro de amigos, falta uma estratégia pedagógica na qualificação profissional, faltam ações sobre a organização da produção dos jovens com ênfase na gestão e preservação do meio ambiente, ausência de incentivo á produção de artesanato, turismo rural.

Segundo o entrevistado a não sucessão familiar, sofre com fatores externos que acabam culminando na agricultura familiar. Os empecilhos burocráticos para o acesso dos jovens a créditos, ausência de programas produtivos como opção pela agroecologia e a produção orgânica.

Ainda existem outros fatores que são usados como entraves aos agricultores que não tem sucessão, mas ainda são fatores externos que impedem a sucessão familiar além dos mecanismos existentes no âmago da família.

E esta mágoa que o entrevistado expõe se justifica plenamente pela lógica como área de terra ser considerável, apesar de parte já ter sido dividida, com um capital natural extraordinário que ele mantém por amor próprio, mas que só amor não mata a fome, não gera retorno econômico. É preciso políticas públicas que venham a ressarcir quem tem uma visão diferenciada e de interesse público.

Conclusão, a não sucessão não é só falta de terra, de filhos nas famílias, mas combate a fatores externos que são mais danosos que os próprios desafios delegados as famílias.

7.4 DESTINO DA PROPRIEDADE

Com certeza, o pai diz magoado, que nenhum dos três filhos vai voltar para a propriedade, o que poderá acontecer, à propriedade ser usada depois que os pais não estiverem mais, como área de lazer nos fins de semana.

A situação é dramática, segundo entrevistado, com a saída das mulheres jovens a masculinização do campo, a diminuição das taxas de natalidade e o envelhecimento das pessoas na agricultura familiar. Com este quadro, fica mais fácil para o agricultor patronal adquirir as propriedades do seu entorno a preços baixíssimos, ampliando ainda mais a concentração fundiária no país.

Se nada for feito, é determinante que este patrimônio de cunho social e público vai cair nas mãos de terceiros e que o valor será repartido entre os três filhos e mais uma propriedade, sem sucessão não só por culpa familiar, mas por falta de políticas públicas, vai ficar na saudade, onde apenas três gerações resistiram, mas sucumbiram, vai só restar à história, de mais uma família que não resistiu apesar de sua tradição, sobrevivência, de amor à vida aqui gerada e a florada.

O estudo de Weisheimer (2004) com jovens agricultores, no município de Feliz, RS, revela que os fatores estruturais dos estabelecimentos familiares como tamanho da área, propriedade da terra e a renda familiar são determinantes na permanência dos filhos. Comparando com a área em estudo, o tamanho da área de 18 hectares, são proprietários da terra (herança), talvez a renda possa ter sido o fator determinante da não sucessão.

Segundo Silvestro et al. (2001) a renda pelo estudo revela que um grande número de jovens (mais rapazes que moças) deseja ser agricultor, mas as respostas estão associadas com o êxito do estabelecimento familiar, especialmente o monetário.

As possibilidades de sucessão estão nos agricultores consolidados, enquanto os menores estão nos descapitalizados, confirmando que os problemas sucessórios tendem a aparecer predominantemente nos estabelecimentos com maiores dificuldades de viabilização econômica (SILVESTRO et al., 2001).

QUADRO 05

Síntese de entrevista de agricultor familiar sem sucessão familiar da Linha São Francisco

O agricultor 64 anos, (Fig. 8) a esposa de 56 anos, ambos aposentados, pais de três filhos, uma filha e dois filhos, residem os pais na propriedade há 64 anos, o pai, com a esposa só passou a residir mais tarde, quando do casamento.

O agricultor tem uma área de terras de 18 hectares, onde 6 hectares são cultivados com grãos (soja, trigo, milho) e o restante da área, mato nativo de 12 hectares, onde um hectare foi recuperado com árvores nativas que nos primeiros quatro anos apresentaram um bom desenvolvimento, hoje não há diferença entre a mata nativa e a plantada.

Os filhos estudaram em escola pública e privada, concluindo o Fundamental usando o transporte escolar. Segundo entrevistado, o transporte aliado a políticas públicas que não visam amparar o agricultor foram preponderantes na não sucessão em sua propriedade.

A referida propriedade não tem outra construção, além de uma casa 6 x 7, onde os pais já residiram e o filho herdou e assim continua. As outras construções, o tempo se encarregou de destruí-las.

Existe nesta propriedade uma sanga a qual ficou denominada Sanga das Fadas, que segundo populares, na colonização existiam caboclos que acampavam na região, junto de sangas e rios. Era costume ter patos nas propriedades que além da carne produziam as penas usadas nas cobertas e travesseiros, para aquecer as pessoas do rigor do inverno.

Como afirmado por populares “é superstição” e numa noite destas um caboclo sai do acampamento ao lado da sanga e avista vultos brancos no tronco de uma árvore tombada. Voltou para o acampamento o mais rápido possível e no outro dia contou aos companheiros, daí a origem Sanga das Fadas.

O desinteresse às tecnologias, difícil acesso, distância do meio urbano, a propriedade tem ainda hoje todos os potenciais necessários para um Turismo Rural de qualidade, com trilhas, natureza em abundância, animais catalogados, açudes com peixes e apicultura em andamento.

Os investimentos necessários para dar andamento ao Turismo Rural na época trinta e cinco mil reais fizeram o agricultor desistir.

Essência da Terra, denominação dada à propriedade tenta resgatar tudo o que a natureza proporciona, inclusive não enterrando as pedras e sim acumulando as mesmas para conter erosões.

Prestativo, não tem carro, anda a pé para estar presente em reuniões da Saúde, Conselho da Água Comunitária, Associação, isto a distâncias consideráveis não se importando com o sacrifício.

Fonte: DEBESAITIS, 2013.

QUADRO 06

Quadro síntese das principais características dos agricultores sem sucessão familiar da Linha São Francisco.

CARACTERISTICAS	ASPECTOS
Idade média dos pais	Entre 55 e 65 anos
Idade média dos jovens	Entre 18 e 25 anos
Sexos dos filhos	Uma moça e dois rapazes
Situação Civil	Todos casados e fora da propriedade
Escolaridade	Segundo Grau e Superior incompleto

8 CONCLUSÕES

O presente trabalho tenta focar o processo da sucessão familiar dentro da agricultura familiar, na Linha São Francisco em Três Passos. Diante do vazio rural presente nesta Linha, a intenção de realizar o estudo, está baseado na necessidade de compreender melhor este fenômeno, que às vezes se torna invisível, por acontecer junto à propriedade rural cercada de dúvidas por não ser tratado abertamente.

O estudo apresenta vários tentáculos em relação à sucessão, onde o pai deveria ser o primeiro a apresentar a problemática de quem vai ficar na propriedade, quem vai dar continuidade ao trabalho dos pais. Quando isso não acontece pode partir dos próprios filhos homens de levantar a problemática e de propor alternativas para a solução ora momentânea ou permanente da sucessão.

As consequências do esvaziamento do meio rural pela saída dos filhos (as), de pessoas de meia idade, ocasiona a dificuldade de continuidade da propriedade bem como de suas atividades. Esse processo social pode ficar mais grave pelos conflitos gerados ou pela alternativa de retorno do urbano para o rural (Idas e Vindas).

Como lógica se acredita que os filhos ou mesmo agricultores que foram para o meio urbano em princípio não voltariam para o meio rural. Mas sempre há uma exceção e pelo que a pesquisa levantou, nem sempre o emprego, o salário, a casa, o carro são suficientes para fixar o agricultor ou filho deste no meio urbano. Além destes fatores existem outros de cunho pessoal de cada um como, o valor intrínseco que tem aquela propriedade onde nasceu à lavoura na qual trabalhou e por ela foi alimentado, adquiriu bens que o realizam pessoalmente, os vizinhos, colegas de infância entre muitos outros fatores.

Na pesquisa proposta em levantar valores, razões de sucessão familiar são um tanto fora dos paradigmas até aqui levantados pelos estudos e pelas pesquisas. Há como entender numa propriedade, onde apenas o minorato, filho primogênito, permanece junto com os pais nas atividades. Outras razões, o filho mais velho e do meio, movidos pelos mesmos motivos, como o resgate de valores da infância onde os irmãos estavam juntos, cresceram juntos, possibilidades de desenvolvimento econômico, trabalho não tão sacrificado pelo uso de máquinas, a possibilidade de retornar a propriedade, usando a mesma como base de trabalho, mas não produto de herança.

O trabalho, uma vocação desenvolvida na infância, quando o pai tinha desafiado os filhos a desenvolver uma lavoura própria e o produto colhido poderia ser vendido e o valor rateado entre os três? Foi em acreditar que é possível na agricultura ter um “status” profissional, agricultor, salário, compatível como qualquer outra profissão, guardada as suas devidas proporções, investimentos?

As relações sociais no meio rural entre pais e filhos mudaram, como o papel dos pais em relação aos filhos, a autoridade dos pais diminuída pelos desafios impostos pela modernidade com tecnologia de ponta, a “desistência” dos pais em relação a resistir com os filhos segundo a sua concepção sobre determinados fatos, o meio urbano muito perto do meio rural, encurtado pelas distâncias, os meios de acesso como vias asfálticas, uso de meios como carro, moto, telefone, internet.

Estes e outros fatores são determinantes pela pesquisa levantada, nas alterações do tecido social familiar e comunitário. Há como conter estes fatos, fenômenos? Ao que tudo indica pelo respaldo que pesquisa apresenta e pelos relatos e comportamentos sociais, existe uma acomodação na dinâmica social, onde todos procuram se adequar, às vezes quebrando paradigmas oficializados por muitos anos e agora estão sendo fragilizados por esta “convulsão”, esta inquietude.

A outra ótica que a pesquisa tentou abordar foram às propriedades sem sucessão familiar. Algumas questões inquietantes são pertinentes à pesquisa como, a propriedade com três filhos e ninguém está na propriedade e dificilmente retornarão a mesma, para a prática de uma agricultura, e sim talvez como uma futura área de lazer? Pode ser a escola, o estudo no meio urbano, um dos fatores que determinou a migração para o meio urbano, acrescido pelo emprego, estudo, vida social urbana mais agitada, propícia ao espírito jovem.

Outros fatores físicos como a propriedade distante do meio urbano, difícil acesso, atividades que usam força física em detrimento dos instrumentos mecanizados que não se tem pela dificuldade financeira, telefone sem sinal, internet precária quando existente e seu custo, energia elétrica fraca, problemas climáticos, preços instáveis, baixa produtividade das lavouras, altos investimentos em infraestrutura e pacotes tecnológicos, são dificuldades às vezes inviabilizam a atividade e a sucessão.

Destes fatores ainda outros como o personagem agricultor ser considerado de menor importância econômica, social, a divisão sexual do trabalho mais propícia ao homem que a mulher (filha). Cabe ressaltar que em situações pontuais, filhos trocam a propriedade dos pais por ter pouca área, infraestrutura precária, por outra propriedade, permanecendo na atividade e se fortalecendo financeiramente, para depois retomar a propriedade familiar.

Pela pesquisa e pelas observações locais, existem fatores importantes que podem dar respaldo as propriedades, que não tem sucessão, tem potencial para o retorno de algum familiar para a propriedade, com Políticas Públicas, que amenizam os impactos das limitações das propriedades.

Um dos Programas “Mais Alimentos”, Política Pública é importante no ajuste de propriedades em relação ao trabalho, a produtividade, ao deslocamento no “encurtamento de distâncias” do rural com o urbano em caso de comercialização em cooperativas.

Outra Política Pública importante e em grande expansão no meio rural Minha Casa Minha Vida, na construção de novas casas ou de reforma das mesmas. No município, através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), são mais de 300 novas casas no meio rural do município, bem como reformas. Uma casa bonita, nova é um atrativo de alguém do meio urbano, que mora em casa alugada, distante do trabalho, reveja a decisão e passe a repensar o retorno para o meio rural.

O PRONAF se mostra como um importante veículo no alcance a financiamentos, com juros módicos, em investimentos na infraestrutura, em Projetos de Plantio, entre outros meios e atividades.

Acontece mas não é tão comum, dinheiro disponível a fundo perdido, em que o governo canaliza para situações, dinheiro para aquisição de bens. O Banco da Terra, é importante, precisaria ser revitalizado pelo governo e estar disponível para que o pequeno produtor possa agregar área a sua e ampliar as suas atividades. Principalmente propiciar ao jovem a possibilidade de adquirir a sua terra, bens.

Um exemplo raro, promissor a criação de agroindústrias no meio rural, que pode trazer do meio urbano pessoas, fixá-las na propriedade e com isso viabilizar uma sucessão, no caso específico desta pesquisa o agricultor que não tem sucessão familiar, mas tem potencial na propriedade.

Existem exemplos raros, mas existem do retorno de pessoas do meio urbano, para o meio rural com a instituição de uma agroindústria, como exemplo de vassouras coloniais, na Linha São Francisco. A propriedade não tinha sucessão, com o retorno do filho passou a ter sucessão, propriedade passa a produzir a matéria-prima, a mão-de-obra passa a ser familiar e esporadicamente sazonal com mão de obra terceirizada e o retorno econômico superior quando no meio urbano viviam do salário.

Agroindustrialização de produtos coloniais como melado, açúcar mascavo, outros produtos coloniais, usando inclusive escolas municipais desativadas, que estão fechadas, abandonadas, depredadas e com a criação de associações ou até cooperativas de comercialização de produtos agroindustrializados. A comercialização destes produtos na Feira do Produtor, com um selo municipal de qualidade. Existem potencialidades, o que falta é vontade, alguém que tome a ideia como algo viável, mas que tenha conhecimentos, determinação e observar os exemplos que existem de sucesso nas comunidades.

Como o Poder Público é importante em imprimir esta nova concepção empreendedora, fonte geradora de novos paradigmas para o meio rural em consórcio com os agricultores.

Todos estes mecanismos são importantes e com o tempo outros projetos, planos surgirão e deverão cada vez mais melhorar a realidade rural e com ela a sua sucessão. Tendo

a obra-prima, a pessoa, existem todas as possibilidades de minorar os impactos da sucessão familiar.

Ainda resta uma última questão, a arte do convencimento, a que a pessoa acredite em todos os mecanismos, mas principalmente em si mesma. Talvez neste campo mais complexo da psicologia humana, resta um trabalho que se faz necessário em levar ao agricultor, que tem a sua vocação, sob as cinzas do desânimo, alguém que o faça acreditar em si, com tantos exemplos de sucesso ao seu redor, que ele sabe e por isso ele pode.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo (org.) *Juventude e Agricultura Familiar: Desafios de novos padrões sucessórios*. UNESCO, 1998.

ALENTEJO, Paulo Roberto. *Agricultura Familiar, Reforma Agrária e Desenvolvimento local para um novo mundo rural*. BRASIL, 1999.

BRUMER, Anita; SPANEVELLO, R.M. *Jovens Agricultores da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre. UFRGS, 2008.

CONTERATO, Marcelo; FILLIPI, Eduardo. *Teorias do Desenvolvimento*. Porto Alegre, UFRGS 2009.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATISTICA. Disponível em: <http://www.fee.gov.br>. Acesso: 13.2.2013, 17:30 h.

GRAFFITTI, Luis Gustavo. *Três Passos: Imigração e Colonização*. Ijuí, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.cidades>. Acesso: 13.2.2013, 18 h.

MARASCHIN, Ângela de Faria. *As Relações entre produtores de Leite de Cooperativas: um estudo de caso na Bacia Leiteira de Santa Rosa,RS*. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS) Porto Alegre, 2004.

MARTINEZ, Rossana Vitelli. *Capital Social, participação e cidadania no meio rural: uma perspectivas de gênero*. Tese (Tese de Doutorado Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Porto Alegre, 2010.

PIASON, Gesíeli Letícia. *Sucessão Hereditária nas Agroindústrias*. Três Passos, 2011. Monografia (Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

PLANO MUNICIPAL DE SAUDE. *Secretaria Municipal de Saúde e Meio Ambiente*. Prefeitura Municipal. Três Passos, RS. 2003.

PLEIN, Clério. *As Metamorfoses da Agricultura Familiar: O caso do município de Iporã d'Oeste, SC*. Porto Alegre, 2003. Dissertação (Mestre em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

SCHNEIDER, Sérgio. *Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade*. 48º Congresso SOBER, Campo Grande 25 a 28 de julho de 2010.

SPANVELLO, Rosani Marisa. ***A Dinâmica sucessória na Agricultura Familiar***. Porto Alegre, 2008, 236p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

STEINER, Abílio. ***A não sucessão familiar***. Três Passos, 2 mar. 2013. Entrevista concedida a Enio Debesaitis.

STEINER, Marcos. ***A Sucessão Familiar***. Três Passos, 17 fev. 2013. Entrevista concedida a Enio Debesaitis.

APENDICE

Roteiro do questionário aplicado aos agricultores familiares com e sem sucessão familiar.

1- Caracterização da propriedade

Profissão? Idade? Etnia? Escolaridade?

Aposentado? Sim () Não() Proprietário?

Herança ou Compra? Há quanto tempo? Outros Imóveis?

Composição Familiar: Nome, Grau de Parentesco, Sexo, Idade.

Divisão do Trabalho Relação trabalho x vizinhança

Ocupação atual dos filhos ou irmãos (nome, sexo, escolaridade, residência atual e ocupação).

2- Atividades na propriedade

Área total Cultivável matas e outros Outras áreas próprias ou arrendadas. Principais atividades e a mais importante Tecnologias Uso de máquinas Mecanização total ou parcial Mão-de-obra própria ou temporária Assistência Técnica Gestão da propriedade Participação em organizações Vantagens na participação Últimos investimentos na propriedade Inovações Quais Alguma atividade fora da propriedade que gera renda.

3- Sociabilidade

A sua vida na propriedade (agricultor) é a sua realização e dos seus? (autoestima). A relação da agricultura (colonial x familiar), é a alternativa? Ela melhorou, piorou? Em que situações?

Se fosse começar de novo a sua vida, você seria agricultor? Por quê? E os filhos?

Houve estímulo aos filhos para permanecer na propriedade?

Quem é o mais importante dos filhos? Por quê? Houve estímulos para ficar ou sair da propriedade? Quais? Priorizou alguém?

4- Sucessão Familiar

A sucessão familiar é discutida em família ou aparte? Quem Fica? Quem sai? Ou como ficar na propriedade? Que atividades desenvolver? Como se remunerar? Quem sai recebe herança? (partilha em dinheiro, bens).

As discussões são conflitantes ou pacíficas?

Influências externas determinam a sucessão? Os principais fatores?

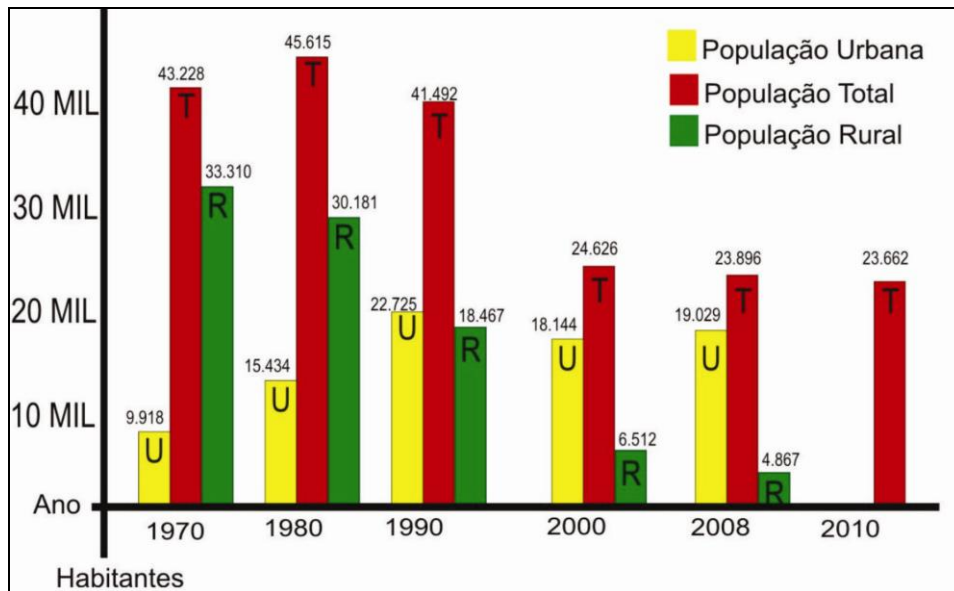
Na sucessão, qual o argumento mais forte usado para que a mesma aconteça? As decisões familiares são em conjunto ou divididas?

O que é mais importante na decisão? Ser sucedido pelo filho mais novo, mais velho, do meio, ou pela filha?

O envelhecimento (natural) é motivo para desistir da atividade agrícola? Ou como conviver entre estar na ativa e delegar aos outros o comando da propriedade?

Gráfico 2

Estratificação populacional de Três Passos nas últimas 4 décadas.



Fonte: FEE (Fundação de Economia e Estatística – 23/10/2010)

Figura 9

Esvaziamento Rural



O esvaziamento rural levou a igreja acima às ruínas pela diminuição da população do entorno. Com 250 famílias sócias restaram apenas 60 famílias.

Figura 10

Esvaziamento Rural



O esvaziamento rural levou ao fechamento de muitas escolas municipais, em alvenaria, com duas salas, banheiros, cozinha, quadra de esporte, as margens do asfalto.

Fonte: DEBESAITIS, 2013.

Figura 11
Agroindústria



A agroindustrialização é uma das alternativas na recomposição da sucessão familiar. Esta produz a vassoura colonial com o aumento da produção um bom retorno financeiro para o jovem na sucessão.

Fonte: Foto de arquivo Estágio Supervisionado II- DEBESAITIS, 2012.

Figura 12
Produção de máquina



Esta agroindústria da vassoura colonial DINKOSKI na Linha São Francisco, começou a produzir máquinas para montar e costurar vassouras, antes produzidas manualmente, agora industrializadas e comercializadas com uma margem de 70% de lucro.

Fonte: DEBESAITIS, 2012.